

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ALINE ROCHA DE ARAÚJO MARROQUIM

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LINGUAGEM IMAGÉTICA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES**

**SÃO MATEUS-ES
2019**

ALINE ROCHA DE ARAÚJO MARROQUIM

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LINGUAGEM IMAGÉTICA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Orientador Prof: Drº Jocitiel Dias da Silva

SÃO MATEUS- ES
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

M361h

Marroquim, Aline Rocha de Araújo.

Histórias em quadrinhos: linguagem imagética na formação de leitores / Aline Rocha de Araújo Marroquim – São Mateus - ES, 2019.

105 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof. Dr. Joccitiel Dias da Silva.

1. História em quadrinhos. 2. Leitura de imagem. 3. Recurso didático. 4. Lúdico. I. Silva, Joccitiel Dias da. II. Título.

CDD: 372.42

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

ALINE ROCHA DE ARAUJO MARROQUIM

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LINGUAGEM IMAGÉTICA NA
FORMAÇÃO DE LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 13 de dezembro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Jocitiel Dias da Silva
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Regina Celia Mendes Senatore
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus por ser essencial em minha vida e a minha família, que sonhou comigo mais esse degrau na minha vida profissional. Sem a presença e o incentivo de vocês eu não teria concluído com sucesso este projeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e provedor de todas as conquistas da minha vida. Reconheço que não é por mérito, mas por graça, pois Ele me amou primeiro. “Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas”.

À minha amada família. Ao meu esposo, Fellipe André de Carvalho Marroquim, aquele que escolhi para meu ser meu companheiro de todas as horas. E que me encorajou a sonhar mais alto em minha vida profissional.

Aos meus pais, Edson Sena de Araújo e Marinete Rocha de Araújo meus alicerces e fonte de inspiração para “vencer na vida” de forma ética e honesta por meio de trabalho lícito. Amor para a vida inteira!

Aos meus irmãos, Juliana Rocha de Araújo dos Santos e Maycon Rocha de Araújo, presentes de Deus na minha vida. Meu coração fora do peito. Vocês me fizeram chegar até aqui!

Aos meus sobrinhos Lara Rocha de Araújo dos Santos e Pedro de Araújo Ronchetti, filhos do coração e minha maior alegria.

Ao meu amado avô, Luiz Mendes de Araújo, que sempre esteve ao meu lado me incentivando no início dessa nova fase da minha vida e que partiu antes da minha conclusão. Você é imortal!

Ao professor Joccitiel Dias, meu orientador, por ser minha bússola nesse percurso. À Bartira, minha coorientadora, pela dedicação e competência. Vocês foram fundamentais nessa vitória!

Aos professores do Mestrado da Faculdade Vale do Cricaré, por compartilharam conhecimentos e ensinamentos, que vieram ao encontro do meu amadurecimento e crescimento acadêmico e profissional.

À EMEIEF de Jaqueira “Bery Barreto de Araújo”, representada na figura da sua gestora, dos coordenadores pedagógicos, dos professores e dos alunos, que fizeram parte da pesquisa e, assim, foram imprescindíveis para a construção do meu projeto. Meu muito obrigada!

A minha amiga de todas as horas Milene R. Carvalho, pela parceria e orações. Você é benção na minha vida!

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse realizar esta pesquisa. Meu reconhecimento e gratidão!

Portanto, quando ambas as fontes de informação, imagem e texto, são importantes para se compreender o significado global de uma mensagem, tem-se uma relação de complementaridade. O texto pode apresentar lacunas que são preenchidas pela imagem e vice-versa.

Santaella, 2012

RESUMO

MARROQUIM, ALINE ROCHA DE ARAÚJO. **Histórias em Quadrinhos: Linguagem Imagética na Formação de Leitores**. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus – Espírito Santo, 2019.

A presente dissertação delineou-se a partir da inquietude enquanto educadora a respeito do enfoque dado à leitura das imagens dos textos. Assim, buscou-se nas Histórias em Quadrinhos estratégias para se trabalhar a importância da leitura imagética para a construção do sentido do texto e auxiliar no processo de formação de leitores proficientes. As HQs podem ser consideradas textos dialógicos e polifônicos com grande apelo imagético despertando o interesse pela leitura. A partir dessa concepção apresentamos o problema desta pesquisa: como as Histórias em Quadrinhos podem, enquanto gênero discursivo, subsidiar a formação de leitores considerando a linguagem imagética na construção do significado do texto? Dessa forma objetivou-se com essa pesquisa compreender como as Histórias em Quadrinhos são capazes de oportunizar ao educando a leitura imagética do texto. Para atingir esse objetivo foi elaborada uma oficina intitulada: “A leitura imagética das HQs”. Assim, neste trabalho, constatou-se como um trabalho sistematizado e estruturado sobre um novo enfoque dado ao gênero HQ que deve ser visto como um recurso didático, na sala de aula aproveitando-se do seu potencial lúdico e sua linguagem peculiar pode contribuir para a compreensão de textos imagéticos e uma melhor compreensão da linguagem não verbal. Para o delineamento da pesquisa foi adotada a pesquisa-ação, na qual a pesquisadora atuou como professora mediadora e facilitadora da compreensão leitora. O campo de coleta de dados foi a sala de aula das turmas de 6º anos do Ensino Fundamental de uma instituição de ensino da rede pública, localizada em um município do sul do estado do Espírito Santo. As análises dos dados e interpretação dos resultados indicaram que a prática da leitura das Histórias em Quadrinhos com objetivos bem definidos e com estratégias de leitura permitem que o educando encontre as ferramentas adequadas para lidar com o texto imagético e compreendê-lo. Dado o exposto, acredita-se que essa pesquisa contribui para o educador busque novas ferramentas para que o educando alcance a autonomia leitora das imagens, de modo que seja capaz de compreender outros textos imagéticos.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Leitura de imagem. Recurso didático. Lúdico.

ABSTRACT

MARROQUIM, ALINE ROCHA DE ARAÚJO. **Comic Books: Imagistic Language on the Reader Formation**. 2019. 105 f. Dissertation (Master's Degree) - Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - Espírito Santo, 2019.

The present dissertation was outlined through the restlessness as educator in respect to the focus given to the imagistic reading from texts. Thus, it was pursued at the comic books, strategies to work with the imagistic reading to the construction of text signification and to help at the formation of proficient readers. The comic books can be considered dialogic and polyphonic texts with great imagistic appeal arousing the interest for reading. Through this conception, the problematic of this research is presented as: how the comic books can, as a discursive genre, subsidiate the formation of readers considering the imagistic language at the construction of texts? Therefore, this work had as objective to comprehend how the comic books are capable to provide opportunity to the student to get into the imagistic reading of the text. To reach this objective it was prepared a workshop titled: "The imagistic reading of comic books". Thus, in this work, it was saw as a systematized and elaborated work about a new approach given to the comic book genre, that have to be seen as a didactic resource at the classroom utilizing its recreational and its singular language, can contribute to the comprehension of imagistic texts and to a better comprehension of the non-verbal language. For the outlining of the research it was adopted the action research procedure, in which the researcher acted as a mediator and facilitator teacher of the comprehension of reading. The data collection field was the classrooms of the 6^o grade of Elementary School of a regular public institution, localized at a municipality of the South of the state of Espírito Santo. The analysis and interpretation of the data showed that the comic book reading with well defined objectives and with reading strategies allow the student to find proper tools to deal with the imagistic text and to comprehend it. Given the above, it is suggested that this research contributed for the students to search for new tools and be able to reach the autonomy on image reading in a way that can be capable to comprehend other imagistic texts.

Keywords: Comic Books. Imagistic reading. Didactic resource. Leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Exemplos de gibis de super-heróis.....	38
Figura 2- Exemplo de linha cinética das HQs.....	41
Figura 3 - Exemplo balões das HQs.....	42
Figura 4 - Exemplo de Onomatopeia.....	44
Figura 5 - Exemplo de tira.....	44
Figura 6 - Capa da Oficina.....	68
Figura 7 - Tira sobre a poluição dos rios, trabalhada com os alunos	74
Figura 8 - Proporção das respostas dos alunos (total de 44) sobre o gênero textual e os personagens principais do texto	75
Figura 9 - Proporção das respostas dos alunos (total de 44) no gráfico 1 sobre o gênero textual, no gráfico 2 a respeito do conhecimento do personagem principal e no gráfico 3 sobre a Turma que o personagem principal faz parte.....	76
Figura 10 - Interesse, alcance dos objetivos e relevância das imagens na compreensão do texto da HQ.....	78
Figura 11 - O gráfico 1 respostas sobre a relevância da história e o convencimento do leitor sobre a mensagem do texto, no gráfico 2 alcance do objetivo de promover a reflexão sobre a poluição dos rios e no gráfico 3 a relevância das imagens na compreensão da mensagem do texto.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - População analfabeta na faixa etária acima de 15 anos em Presidente Kennedy- E.S.....	18
Quadro 2 - Quadro comparativo da taxa de analfabetismo entre a população acima de 15 anos em Presidente Kennedy- E.S. e a média nacional desta faixa etária.....	18
Quadro 3 - Percentual da população analfabeta na faixa etária acima de 15 anos, na zona rural de Presidente Kennedy- E.S.....	19
Quadro 4 - Currículo municipal do 6º ano – 1º trimestre.....	39
Quadro 5 - Cronograma da oficina “Leitura imagética das HQs”	69
Quadro 6 - Respostas dos alunos sobre a compreensão das HQ’s antes da leitura.....	75
Quadro 7 - Respostas dos alunos sobre a compreensão do texto da HQ.....	76
Quadro 8 - Respostas dos alunos sobre a leitura das imagens da HQ.....	77
Quadro 9 - Respostas dos alunos sobre a compreensão do texto da HQ	78
Quadro 10- Resposta da percepção dos alunos quanto a poluição dos rios representadas na imagem dos quadrinhos	98
Quadro 11 - Etapas da Oficina.....	101

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DATASUS	Departamento de Informática do SUS
HQs	Histórias em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OCN's	Orientações Curriculares Nacionais
OLP	Olimpíadas de Língua Portuguesa
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Portadores de Necessidades Especiais
SEME	Secretaria Municipal de Educação
TV	Televisão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	JUSTIFICATIVA.....	21
2	LEITURA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES	24
2.1	MODELO ASCENDENTE (<i>BOTTOM-UP</i>).....	31
2.2	MODELO DESCENDENTE (<i>TOP-DOWN</i>).....	32
2.3	MODELO INTERATIVO DE LEITURA.....	33
2.4	ABORDAGEM DE LEITURA COMO PRÁTICA INTERATIVA E DISCURSIVA.....	35
2.4.1	Percorrendo os quadrinhos	36
2.4.2	A história em quadrinhos em sala de aula	40
2.4.3	Linha cinética	41
2.4.4	Balões	42
2.4.5	Onomatopeias	43
2.4.6	Tiras	44
2.5	QUADRINHOS NA SALA DE AULA COMO RECURSO DIDÁTICO.....	45
2.6	HISTÓRIA EM QUADRINHOS DESPERTANDO O INTERESSE DA ACADEMIA.....	49
2.7	UM OLHAR SOBRE O LÚDICO DAS HQs.....	58
3	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	63
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	64
3.1.1	Pesquisa-ação	65
3.2	O LOCAL DA PESQUISA.....	70
3.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	71
4	ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	73
4.1	PERCEPÇÕES DA OFICINA.....	73
4.1.1	Estratégia de Visualização da História	74
4.1.2	Estratégias de compreensão para antes da leitura	74
4.1.3	Estratégias de compreensão durante a leitura	75

4.1.4	Estratégia de leitura de imagem.....	77
4.1.5	Estratégia de compreensão após a leitura.....	78
4.1.6	Análise da oficina.....	79
4.2	Percepções da Entrevista.....	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
	REFERÊNCIAS.....	88
	APÊNDICES	96

1 INTRODUÇÃO

Uma das principais metas dos educadores é trilhar juntos aos educandos o percurso da construção do saber. Tanto o saber científico como o saber da construção do sujeito como um ser autônomo, reflexivo e crítico que interaja com o meio social a qual está inserido.

O ato de educar é uma forma de interferência no mundo e a docência, objetiva à formação do ser humano, integralmente, para sua vivência na sociedade. Nesse sentido, para que o ensino e a aprendizagem sejam constantemente aprimorados, a pesquisa é um aspecto de suma relevância. Segundo Freire (1996, p. 32), “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro”.

Dessa forma, a formação do leitor se faz, em sala de aula, com a utilização de obras que despertem de modo motivador o prazer pela leitura. A leitura está presente na vida das pessoas desde a pré-história. Fato esse, comprovado pelos desenhos em cavernas. Nesse contexto, a leitura se realiza no cotidiano do ser humano sob várias maneiras, as quais possibilitam diferentes interações, na medida em que é possível ler as letras, as palavras, as frases e também os desenhos, as músicas, os números, as cores, em uma espiral ilimitada de sentido e significado (REZENDE; CRUZ, 2009).

A leitura apresenta múltiplas facetas ligadas às compreensões plenas de significado, não se limitando à linguagem verbal. Nesse contexto, os conhecimentos não são apenas construídos, mas ampliados e aprimorados continuamente, e levados para além dos muros escolares.

As Histórias em Quadrinhos, juntamente com os jornais e revistas, representam um dos mais difundidos meios de comunicação de massa, alcançando, através de suas características, uma influência considerável na formação de leitor. Tendo em vista as peculiaridades dos Quadrinhos e, levando-se em consideração suas características e grande apelo imagético tornando-se dessa maneira, uma importante estratégia didática na formação de leitores capazes de lerem as imagens acionando seus conhecimentos linguísticos, prévios e de mundo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) entende que diferentes formatos e gêneros textuais fazem parte da vida das pessoas e devem ser explorados também em sala de aula.

Dentre das propostas de ensino e apropriação da linguagem, o texto é foco no ensino da Língua, em sua significação mais abrangente:

O texto é o centro das práticas de linguagem e, portanto, o centro da BNCC para Língua Portuguesa, mas não apenas o texto em sua modalidade verbal. Nas sociedades contemporâneas, textos não são apenas verbais: há uma variedade de composição de textos que articulam o verbal, o visual, o gestual, o sonoro – o que se denomina multimodalidade de linguagens. Assim, a BNCC para a Língua Portuguesa considera o texto em suas muitas modalidades: as variedades de textos que se apresentam na imprensa, na TV, nos meios digitais, na publicidade, em livros didáticos e, conseqüentemente, considera também os vários suportes em que esses textos se apresentam (BNCC¹, 2017).

Sendo assim, o texto passa a ser o centro do desenvolvimento linguístico, do acesso aos saberes socialmente difundidos e do trabalho com a mobilização dos conhecimentos necessários para interpretação.

Assim, as escolas podem trabalhar textos contemplando às diversas possibilidades de interações verbais e não verbais. Tratando-se da árdua missão de formação de leitores que leiam além do dito do texto cabe ao professor utilizar novas formas que propiciem a inserção do educando no universo literário com o uso de diferentes gêneros, tipos e suportes textuais são de suma relevância. A prática docente, de mais de 10 anos, no Ensino Fundamental anos finais do segundo segmento, nos leva à reflexão acerca de como se tem desenvolvido esse trabalho em sala de aula, bem como a receptividade dos alunos pelo ato de ler. A partir da experiência, como professora regente de turmas de 6º anos, do Ensino Fundamental II, foi constatada a necessidade de compreender melhor a utilização de obras que auxiliassem a tarefa do educador, com vistas a motivar os alunos para a leitura com o uso de materiais literário e pedagógico prazeroso para os educandos.

Dessa maneira, justifica-se o interesse pelo tema da pesquisa: Histórias em Quadrinhos – HQs, devido à experiência docente no Ensino Fundamental, em que, na condição de professora de Língua Portuguesa, percebi nos alunos as dificuldades em compreender as imagens que são inerentes à construção do sentido do texto e, ao menos aparentemente, o acentuado desinteresse pela leitura e, por outro lado, a percepção da dificuldade de desenvolvê-la de forma estimulante, junto ao estudante.

¹A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagem essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Face a essa averiguação, buscou-se literatura que auxiliasse a refletir e averiguar possíveis gêneros que pudessem contribuir nesse aspecto, bem como verificar a utilização desses para o auxílio do trabalho docente, uma vez que, já nos primeiros anos escolares é importante que o educador faça uso de materiais e técnicas que contribuam nesse procedimento atrelado ao conhecimento teórico de conceitos relevantes para a sua atuação em sala de aula. Tendo em vista, que o ano escolhido para a pesquisa pode ser considerado o período escolar em que muitos alunos estão iniciando o gosto pela leitura que pode perdurar para a vida toda.

O processo ensino-aprendizagem não deve ser estanque e fragmentado por estar atrelado na formação do aluno como sujeito. Deve-se levar em consideração seus conhecimentos prévios e de mundo.

Assim, muitos são os desafios para uma educação com uma visão holística em que se desenvolvam a múltiplas competências e habilidades do educando. Para Calvino (1999, p. 127, apud FONSECA, 2014, p. 1), “[...] é o saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo”.

Com isso, faz-se necessário trilhar novos caminhos, rearticular novos discursos educacionais que transpassem a sala de aula e estejam articulados com a vida cotidiana do educando.

A todo tempo, nos deparamos com textos verbais e não verbais: outdoors, vídeos-clipes, HQs, propagandas na TV, evidenciando que o nosso dia a dia é permeado por atividades linguísticas, na medida que fazemos leituras do ambiente em que vivemos, interagindo com a variedade de informações veiculadas por variados sistemas semióticos.

É notório, as diversidades de linguagem estão, muitas das vezes, distantes das escolas, que privilegia a linguagem escrita, o que em algumas situações, desprivilegia a linguagem visual que se faz, constantemente, presente em nosso cotidiano.

As propostas de Vergueiro (2004) para a elaboração de metodologias de trabalho com histórias em quadrinhos em sala de aula apresentam diversos exemplos do como unir esse material às práticas docentes planejadas tendo em vista a finalidade de ensinar conteúdos de forma atraente e motivadora. Contudo, propostas para uma metodologia que envolva quadrinhos e a leitura imagética são poucas, então abre-se uma lacuna a ser preenchida por pesquisadores e professores que desejam

se aventurar em práticas que fomentem propostas plausíveis de aproveitamento deste material para a divulgação e educação científica.

Muito embora as histórias em quadrinhos sejam objeto de estudo acadêmico por parte dos profissionais da comunicação há muito tempo, o uso desse material no campo educacional sugeriu a necessidade de pesquisas por parte de educadores não apenas para analisar ou criticar esse material, mas principalmente para levá-lo efetivamente para a sala de aula e para a apreciação dos alunos com finalidade, para além do puro entretenimento. O interesse pelo estudo de quadrinhos no meio acadêmico é destacado como uma importante iniciativa para a valorização deste material segundo Vergueiro e Santos (apud PIZARRO, 2009):

No Brasil, embora tendo enfrentado dificuldades para sua aceitação no meio acadêmico, a pesquisa sobre histórias em quadrinhos é realizada em diversas universidades do país com uma relativa frequência. Grande parte dos trabalhos acadêmicos formais apresentados sobre o tema como dissertações e teses tem se relacionado com as ciências da comunicação, mas também é possível encontrar trabalhos investigativos sobre histórias em quadrinhos nas áreas de Letras, Psicologia, História, Pedagogia e Medicina. Isto ocorre não apenas pelos quadrinhos se constituírem em um dos mais pujantes produtos culturais da comunicação de massa e terem grande popularidade entre a população, mas também por terem despertado o interesse dos pesquisadores das mais diversas áreas (VERGUEIRO; SANTOS, 2006, p. 1 apud PIZARRO, 2009, p. 3).

Após pesquisas, acerca de quais obras podem auxiliar o educador no procedimento de formar leitores de maneira motivadora junto ao alunado, foi selecionado o gênero Histórias em Quadrinhos (HQs) como foco neste estudo, por ser um material com forte utilização imagética, aspectos literários e pedagógicos, a ser utilizado no contexto escolar. Gênero que, devido à amplitude e variedade de assuntos que comporta, acreditamos poder contribuir nesse processo de forma dinâmica e atrativa para alunos e professores por possibilitar condições de diálogo com a arte, principalmente para o público infanto-juvenil, pois este precisa sentir-se atraído pelo enredo para a história. Por isso foi essencial observar e investigar o papel de obras que pudessem contribuir ao papel do professor no processo de formador de leitores que realizem a leitura imagética e compreendam o todo do texto.

Sob essa ótica, nos propusemos a discorrer sobre a leitura do gênero HQs e possíveis contribuições do profissional docente de Língua Portuguesa por meio do emprego dessas obras para o desenvolvimento da leitura das imagens e consequentemente, do interesse pela prática da leitura em um contexto de alunos pertencentes às faixas etárias dos 11 aos 12 anos aproximadamente. Fase em que,

diante de mudanças físicas e psicológicas, esses educandos buscam, de forma consciente ou inconsciente, adaptar-se ao novo período escolar, antes voltado para um universo infantil.

Esta pesquisa privilegia como sujeitos adolescentes, de turmas de 6º anos, composta, em média por 22 alunos, de uma escola pública, na zona rural do sul do estado do Espírito Santo. Esta escola é considerada uma das escolas polos do município. Os discentes são advindos de comunidades rurais e por isso, o acesso à locais que favoreçam à leitura é considerado nulo ou insuficiente sendo a escola o maior provedor do contato com a leitura. A baixa escolaridade dos familiares dos educandos, supostamente, pode ser também um fator determinante para tornar o universo da leitura mais distante do alunado. Segundo os quadros abaixo, obtidos a partir do levantamento dos censos demográficos do ano de 2010, disponibilizados pelo DATASUS (Departamento de Informática do SUS) que, por sua vez, utiliza fontes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que apesar de estar diminuindo ainda é considerável a taxa de analfabetismo, na faixa etária da população acima de 15 anos. Segundo a pesquisa, o número de analfabetos no município de Presidente Kennedy é maior do que a média nacional e em número preocupante na população rural, que é a clientela desta pesquisa.

Quadro 1 - População analfabeta na faixa etária acima de 15 anos em Presidente Kennedy – ES.

Ano	PRESIDENTE KENNEDY- ES
2010	1.341
2000	1.599
1991	1.717

Fonte: DATASUS.

Quadro 2 - Quadro comparativo da taxa de analfabetismo entre a população acima de 15 anos em Presidente Kennedy - ES e a média nacional desta faixa etária.

ANO	PRESIDENTE KENNEDY – ES	MÉDIA NACIONAL
2010	17,09%	9,37%
2000	24,17%	12,84%
1991	29,62%	19,33%

Fonte: DATASUS.

Quadro 3 - Percentual da população analfabeta na faixa etária acima de 15 anos, na zona rural de Presidente Kennedy - ES.

Ano	RURAL
2010	22,89
2000	9,64
1991	39,36

Fonte: DATASUS.

Lajolo (2002), sinaliza para a questão de que “[...] a leitura inicia-se na escola”, enfatizamos que o contato com a mesma se torna mais efetivo com o envolvimento da família em seu dia a dia e com práticas de incentivos e atitudes.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da linguagem imagética, em especial, das Histórias em Quadrinhos, na formação de leitores que façam inferências no texto com base na leitura imagética presente, nos quadrinhos.

Pretendemos, com essa pesquisa, estimular aos professores a repensar a sua práxis-pedagógica e desafiá-los a construir novas estratégias pedagógicas que levem em conta a agregação da multiplicidade de linguagens que fazem parte da nossa realidade sociocultural, como por exemplo, as imagens. Segundo Eisner citado por Pato (2007):

[...] durante os últimos cem anos, o tema de leitura tem sido diretamente, vinculado ao conceito de alfabetização [...] aprender a ler tem significado aprender ler palavras. Mas gradualmente leitura foi se tornando objeto de um exame mais detalhado. Pesquisas recentes mostram que a leitura de palavras é apenas um subconjunto de uma atividade humana mais geral, que inclui a decodificação de símbolos, a integração e a organização de informações. Na verdade, pode-se pensar na leitura- no sentido mais geral- como uma forma de atividade de percepção (EISNER, 1995, p. 7-8 apud PATO, 2007, p. 7).

A falta de práticas motivadoras de leitura e o desinteresse dos alunos em ler nos faz buscar um novo significado para as metodologias e práticas pedagógicas em sala de aula. Uma vez que não existem “fórmulas mágicas” ou “fórmulas prontas” para dinamizar as aulas de Língua Portuguesa, tornando-as mais atrativas, dinâmicas e prazerosas para o novo público de alunos conhecidos como “geração Z²”. Estes, apesar de totalmente digitais, continuam tendo a necessidade de ler mais e ler para

²Essa geração, compreende os nascidos entre o fim de 1992 a 2010, está ligada intimamente à expansão exponencial da internet e dos aparelhos tecnológicos. As pessoas da Geração Z são conhecidas por serem “nativas digitais”, estando muito familiarizadas com compartilhamento de arquivos com os smartphones, tablets, e, principalmente, sempre conectadas.

uma mudança de comportamento, para serem, não só alfabetizados, mas também letrados.

Para Lajolo (2002), a leitura amplia a visão de mundo e contribui para a construção de sujeitos mais participativos e atuantes na sociedade. Ela também descortina o mundo e abre novos horizontes, sendo assim de suma importância na formação do educando. Segundo o mesmo autor:

[...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela (LAJOLO, 2002, p. 7).

Ao propormos o estudo da linguagem imagética das Histórias em Quadrinhos como instrumento de formação de leitores que leem além das entrelinhas por considerá-las como um texto dialógico e polifônico, estamos buscando aproximar a linguagem escolar ao processo de comunicação e interação do educando à sociedade a qual ele está inserido, uma vez que a comunicação social é dinâmica e o jogo das ideias e dos sentidos é inerente ao discurso humano.

Tendo em vista que, a língua é constituída por meio de diálogos, de diferentes vozes e pela construção do pensamento, modifica-se e transforma-se num processo contínuo faz-se necessário, utilizar em sala de aula, outras linguagens, que contribuam na formação de leitores autônomos e que leiam o significado do texto com o auxílio das imagens. Como relata os PCN's³, no que tange à utilização dos diversos gêneros discursivos:

[...] Utilizar as diferentes linguagens- verbal, musical, matemática, gráfica, plástica, e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, introdução, 1998, p.5).

As histórias em quadrinhos, com o uso das múltiplas linguagens permitem vários ângulos de leitura: a oral, a escrita, a sonora e a visual, possibilitando, assim, a complementação dos discursos verbal e não verbal, favorecendo a leitura significativa do não dito do texto.

³Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas para orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escola tradicional está voltada para a fragmentação e sequenciamento das aulas verbais e numéricas, em contrapartida, os alunos do século XXI, com o advento da internet e com a popularização das redes sociais e aplicativos de *smartphones*, estão mais vinculados ao imagético e ao multilinguístico do texto.

Isso pode justificar, em parte, o desinteresse dos alunos ao ler os textos do livro didático. Segundo Morin (2014), devemos atentar para a gravidade de compartimentação dos saberes e a dificuldade de articulá-los e, por outro lado considerar que “[...] a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida e não atrofiada” (MORIN, 2014, p.16).

Nessa visão, faz-se necessária mudança de postura do educador:

[...] os professores mais conscientes procuram hoje técnicas de ensino de ensino que estimulem os poderes intuitivos e criativos das crianças preparando assim, os alunos para enfrentar novos desafios com flexibilidade, inventividade e imaginação, bem como com a capacidade de perceber conjuntos complexos de ideias e fato correlatos, perceber configurações básicas de eventos e ver os velhos problemas de uma nova forma (EDWARDS, 1984, p. 211 apud PATO, 2017, p. 14).

Por isso, acreditamos que o texto imagético deve ir além da função meramente, ilustrativa. Devemos entendê-lo como parte importante do sistema comunicativo da contemporaneidade e como aliado no processo educacional.

Os parâmetros oficiais do sistema educacional recomendam a utilização de inúmeras mídias nas atividades linguísticas. As Histórias em Quadrinhos (HQs) são recomendadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e reconhecidas como uma ferramenta de alfabetização (CARVALHO, 2012).

A escola procura controlar o texto visual limitando-o “[...] à mera ilustração do texto escrito, acompanhando-o de um letreiro que indique ao aluno o que diz a imagem.” (BARBERO, 1999, p. 42). Esse modelo pedagógico é centrado basicamente, na compreensão do texto imagético como mero apoio, reforço e ilustração.

Os livros didáticos, do 6º ano do Ensino Fundamental II, empregam os quadrinhos na composição das aulas, tendo por consideração a condição de gênero híbrido dos quadrinhos, no qual se cruzam as linguagens oral, escrita, visual e sonora, propícias para um estudo mais elaborado da leitura imagética e da importância das

imagens para a construção da mensagem das Histórias em Quadrinhos. O aluno deve perceber que a leitura das entrelinhas do texto é instrumento chave para alcançar as competências necessárias para tornar-se um leitor maduro e eficiente, que não apenas decifre o código linguístico, mas que se aproprie dele e, com isso, consiga fazer ligações entre o verbal e o não verbal das HQs, construindo a mensagem do texto para além do escrito. Para tanto faz-se necessário os seus conhecimentos prévios e de mundo. Assim, as histórias em quadrinhos ganham novo significado, não somente de alfabetização, mas de letramento do leitor, e sobre isso Dutra (2002, p. 2) elabora o seguinte comentário:

As Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e isentas de influências. Na verdade, as ideologias e o momento político moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado dos gibis.

O uso das HQs em sala de aula favorece a compreensão dos leitores pelos recursos textuais e visuais. Concordamos com Becker e Grosch (2008, p. 37 apud MORIGI; LOUREIRO; MASSONI, 2016), quando relatam que "[...] o número ilimitado de fontes de informação disponibilizado atualmente faz com que surjam barreiras na [...] apropriação da leitura".

Entendemos que as HQs, por utilizarem simultaneamente a imagem e o texto escrito, podem desencadear uma nova postura pedagógica e social, em sala de aula. Pela sua condição híbrida, apresentam-se como um campo favorecido para experimentação e combinações linguísticas.

Esta dissertação foi norteada por uma pesquisa bibliográfica atual, das vertentes teóricas de diversos autores que abordam o tema em questão, como Eisner (1999), Vergueiro (2004), Lajolo (2002), Kleiman (2000) entre outros. Partindo desse pressuposto, para explicitar diferentes concepções, também foram utilizados diversos recursos, além de livros, como artigos científicos, internet, periódicos, entre outros. Tais autores e pesquisadores norteiam a prática da leitura em sala de aula para a formação de leitores proficientes tornando possível a sustentação entre a teoria e a prática.

Com o propósito de nortear a compreensão da pesquisa, a organização da mesma foi constituída da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, a introdução constitui-se da justificativa do tema, a delimitação do problema e a definição dos objetivos a serem alcançados. No segundo

capítulo, encontra-se a revisão bibliográfica, conceituando a leitura a partir de vertentes e modelos teóricos, a trajetória das Histórias em Quadrinhos e suas principais características, tendo como base o currículo municipal de Presidente Kennedy- E.S da disciplina de Língua Portuguesa para turmas de 6º anos, bem como a inserção das HQs em sala de aula como recurso didático. O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada, a partir de uma abordagem qualitativa da pesquisa, caracterizando uma pesquisa-ação, definindo o lócus da pesquisa, os sujeitos, os procedimentos, a coleta de dados e a análise dos dados. Já no quarto capítulo, são apresentados os resultados e a análise da pesquisa sobre a importância da leitura imagética das HQs para a formação de leitores, nas turmas de 6º anos que foram investigadas. Por fim, foram tecidas considerações finais referentes a temática pesquisada e apresentadas as referências utilizadas na pesquisa.

Dado o exposto, surge um delineamento para investigação em forma de pergunta: “Como as HQs podem, enquanto gênero discursivo, subsidiar a formação de leitores que considerem a linguagem imagética na construção do significado do texto?”.

Para responder o problema apresentado, esta pesquisa contará com um objetivo geral e três específicos.

Apresentamos como objetivo geral compreender como as Histórias em Quadrinhos são capazes de oportunizar ao educando a leitura imagética do texto.

Para alcançar o objetivo geral, surgem os objetivos específicos e o primeiro deles é descrever a utilização de imagens, como elemento significativo para a compreensão das Histórias em Quadrinhos, na formação de leitores;

Em seguida, verificar a relevância da leitura imagética por meio de oficinas como prática cultural em busca da autonomia leitora. Por fim, desenvolver uma proposta de um colóquio para os professores sobre a importância da leitura imagética das HQs na formação de leitores, que possa ser utilizado pela SEME (Secretaria Municipal de Educação) do Espírito Santo, em particular da rede municipal de Presidente Kennedy.

Acreditamos que ao alcançar os objetivos propostos esta dissertação será de grande valia na busca de ferramentas eficazes para o ensino da leitura de imagens em sala de aula.

2 LEITURA NA CONSTRUÇÃO DOS SABERES

A leitura faz parte da vida do ser humano há muito tempo como um instrumento que possibilita ao homem a interpretação, a descoberta e a interação com o espaço, com os seres e com as circunstâncias que o rodeiam. Com sua prática frequente é possível desenvolver suas competências de expressar-se de maneira crítica e autônoma.

Sobre esse aspecto, Rezende (2009, p. 4) afirma que: “[...] sem ler... somos sempre os mesmos [...]”. Esta ideia corrobora as contribuições de Fregonezi (2003, p. 3 apud SILVÉRIO, 2012), quando este explicita que por meio desse exercício “[...] se obtém informações, que se entra em contato com as novas descobertas, que se aprende a regular os comportamentos do homem em seu convívio social [...]”.

É de conhecimento, dos profissionais da Educação, que o ensino de leitura, na escola tem se pautado nas práticas de muitos professores de forma mecânica num processo de decodificação de signos linguísticos e/ou extração de significados isolados de um determinado texto. As práticas de leitura na escola ainda se apresentam muitas vezes de forma tradicional (KLEIMAN, 1998; SILVA, 2008).

Na era da informação rápida a leitura, em sala de aula, deve ser mais dinâmica e atrativa.

Notamos que a maioria das atividades ofertadas, pela escola está centrada no trabalho com apenas um tipo de texto, o livro didático. De acordo com Kleiman (2000), as atividades em sala de aula ficam reduzidas a atividades de compreensão e interpretação do texto, não tendo uma preocupação com o significado global do mesmo. Desse modo, a leitura tradicional se apresenta como um tripé (cópia, paráfrase e memorização), essas atividades estão, ainda, muito presentes no contexto de aula (SILVA, 2008).

Podemos afirmar ainda, que a leitura não se restringe apenas ao contexto escolar, mas também atravessa outras esferas sociais como: a família, a comunidade, a sociedade visto que é um direito de todos. No entanto, é na escola que a criança tem mais contato com leitura e com a escrita, portanto, a escola deveria priorizar o ensino de leitura bem como o ensino de escrita (KLEIMAN, 2000).

A escola não tem cumprido com o seu papel primordial no que se refere à formação de um leitor maduro, crítico e competente. Segundo Kleiman (2000), muitas propostas de leitura apresentadas no contexto de sala de aula são desmotivadoras:

[...] e, provêm, basicamente de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura e, portanto, da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola (KLEIMAN, 2000, p. 16).

A autora apresenta algumas concepções sobre o texto que a escola prioriza e perpetua: o texto como conjunto de elementos gramaticais, utilizado pelo professor para desenvolver uma série de atividades gramaticais; o texto como repositório de mensagens e informações, a crença de que o texto é apenas um conjunto de palavras cujos significados devem ser extraídos um por um, para chegar à mensagem. Desse modo, ao trabalharmos esse tipo de leitura em sala de aula estamos contribuindo para a formação de um leitor passivo (KLEIMAN, 1992).

Há aqui a necessidade de compreensão das diversas práticas de leitura (ler para buscar informação, ler para aprender, ler para se divertir, etc.) e neste texto discutiremos a importância da leitura imagética das Histórias em Quadrinhos, na formação de leitores. Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para agir.

A leitura a que me refiro não é uma leitura óbvia e superficial, é uma leitura em que a imagem completa o sentido do texto. É uma leitura que resgata toda a experiência do leitor para que esse possa significar o texto lido. Zilberman (1991, p. 17 apud SILVA, 2008, p. 29) destaca que “ler é toda relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”, é o pensar sobre o que o outro revela ao escrever, mas não de acordo com o conhecimento de mundo deste e sim, com o seu. Nessa perspectiva Bakhtin afirma que:

[...] a leitura é uma prática social, que se produz em relações intersubjetivas; a produção do leitor, mediada pelo texto é marcada pela experiência do autor, assim como “o autor, no momento da produção do texto que se oferece à leitura, se marcou pelos leitores que sempre qualquer texto demanda” (BAKHTIN, 2014, p. 137).

Constitui-se uma relação de dependência entre o autor e o leitor e vice-versa, marcando uma relação imprescindível para o ato de leitura e compreensão. Por ser

orientada por meio, de nossas interpretações, nossas significações e sentidos, a leitura retoma nossa bagagem sociocognitiva, como descrito por Koch e Elias (2006):

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2006, p. 11).

Segundo Camilo (2015), o sentido não está preso ao texto, e muito menos ao leitor, e sim, no movimento interacional que ocorre entre os três elementos.

De acordo com Lajolo (1993, p. 52), o texto é produzido no encontro entre quem escreve e quem lê, unidos por seus atos solitários de significação de leitura e escrita.

Portanto, fica evidente que apenas a decodificação do código linguístico é insuficiente para a leitura, esta exige experiências e conhecimentos anteriores para que o leitor possa agir e ressignificar o que leu, concordando ou discordando, sendo ativo sobre o texto. Lajolo afirma que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações o sentido de um texto. É a partir de um texto ser capaz de atribuir-lhes significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer naquele tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LALOJO, 1993, p. 59).

A leitura com a finalidade de decodificar informações é tida como uma atividade desmotivadora, árdua, sustentada por um entendimento limitado. O texto visto como um produto acabado serve apenas como um pretexto para se trabalhar a gramática. Nessa concepção, o sentido do texto é transmitido apenas pelo professor, enquanto o aluno recebe a informação, o que podemos comparar com a “concepção bancária” de Paulo Freire⁴ (TERZI, 2002; SILVA, 2008 apud TRAVA, 2015, p. 65).

Geraldi (2006), afirma que muitas práticas de leitura na escola continuam presas a ler e decodificar o texto. O autor acredita que a maior parte das estratégias de leitura dos professores de Língua Portuguesa, estão voltados para o aprendizado da metalinguagem de análise da língua.

Na prática escolar, institui-se uma atividade linguística artificial; assumem-se papéis de locutor/interlocutor durante o processo, mas não se é locutor/

⁴Nessa perspectiva, o educador é o que sabe e os educandos os que não sabem, os alunos devem se adaptar às determinações do educador. O professor é o sujeito do processo enquanto que os alunos são meros objetos. A educação bancária tem o objetivo de manter a divisão entre os que sabem e os que não sabem, entre os oprimidos e os opressores. Ela nega a dialogicidade (FREIRE, 1970).

interlocutor efetivamente. Essa artificialidade torna a relação intersubjetiva ineficaz, porque simula (GERALDI, 2006, p. 89).

Para minimizar esse processo de simulação é necessário ver no texto as várias leituras possíveis, como: a busca de informações; estudo do texto; texto como pretexto; a fruição do texto (GERALDI, 2006). Além de definir as diversas leituras, para o autor, o texto deve apresentar múltiplos tipos de relações entre o texto propriamente dito e os leitores (GERALDI, 2006).

Desse modo, percebemos que é preciso propor aos alunos atividades significativas de leitura, que os ajudem a construir o sentido e significado do texto. Concordamos com Marcuschi (2008), compreender um texto não se restringe a um simples ato de identificação e informação, mas na construção de sentidos com base em atividades inferenciais, pois para se compreender o texto é preciso fazer comparação, levantar hipóteses, tirar conclusões e produzir sentidos.

Ler é se deixar envolver pelo texto; é imprimir nele nossas marcas a partir dos nossos conhecimentos prévios e de mundo; é levantar hipóteses; é expandir o sentido dele, refletindo e até contrapondo à leitura.

Mais do que ler para alcançar um objetivo pré-estabelecido, a leitura nos faz refletir nos colocando como agentes no nosso próprio destino ao nos levar a um local de imaginação e depois nos fazer com que retornemos aos nossos corpos, independentemente, de qual gênero textual estejamos lendo.

Ler, nesse sentido, é uma atividade constitutiva do sujeito, pois leva-o para além de si mesmo e o retoma a seu lugar, contudo quem retoma, já não se configura da mesma forma, tendo expandido seu horizonte, suas possibilidades, sem sequer sair do lugar em que se encontra fisicamente (GARCIA, 2017, p. 59).

A identificação com diferentes personagens em situações distintas gera um conhecimento no leitor, que o instiga a pensar além do que acontece, ao se transpor para o lugar do personagem cria mais oportunidades para o outro, por vezes, o oposto de sua personalidade e distante de sua realidade social. Dessa forma, a leitura cumpre o seu caráter emancipatório.

É perceptível que muitos estudos vêm sendo realizados por pesquisadores na área da educação e muitas discussões centram-se na melhoria da qualidade de ensino da leitura e da escrita. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentam-se como uma síntese de alguns avanços que ocorreram nas últimas décadas no sentido de democratizar as oportunidades educacionais.

Os PCNs sugerem que:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial de leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação (BRASIL, 1998, p. 55).

Enfocam, ainda, a leitura como um processo e defende que o professor precisa oferecer aos alunos inúmeras oportunidades e procedimentos para contribuir na formação de bons leitores. Segundo as diretrizes que nele constam, é preciso que o aluno interaja com a diversidade de textos escritos, é preciso negociar o conhecimento que o aluno já tem e o que é apresentado no texto.

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto (BRASIL, 1997, p. 57).

Atualmente, o uso de imagens, na sala de aula, deve ser entendido, não apenas como recurso ou apoio didático, mas como uma das linguagens necessárias para o desenvolvimento da postura e reflexão crítica, que queremos trabalhar, com nossos educandos.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), ler não é simplesmente extrair informações da escrita ou um processo de simples decodificação. Ler é uma atividade que implica compreensão, na qual os sentidos são construídos nos processos anteriores, durante e posteriores da leitura.

Levando em consideração que a imagem ocupa um local de destaque, de formação e informação na sociedade pós-moderna⁵, subentende-se que cabe ao educador promover estratégias que promovam os processos de produção, distribuição e recepção da imagem. Partindo dessa concepção a leitura de imagens nas histórias em quadrinhos está em consonância com os PCN's (1998) que propõe: “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação”.

Assim, faz-se primordial que a escola trabalhe com outro enfoque as imagens. É necessário que se entenda que elas não estão presentes nos textos por acaso, apenas para ilustrá-los; estão “repletas” de informações e intenções que precisam ser

⁵Sociedade pós-moderna é caracterizada pela globalização e domínio do sistema capitalista.

compreendidas e trabalhadas. Em algumas situações, é essencial que os alunos leiam a imagem para compreender o que o texto diz globalmente, para compreender seus efeitos de sentido, suas intenções, sua força persuasiva, sua ironia.

Nos PCN's, por exemplo, as histórias em quadrinhos encontram-se inseridas nos gêneros discursivos “adequados para o trabalho com a linguagem escrita” (1998, p. 128) e são vistas como fontes históricas e de/para pesquisas sociológicas, caracterizadas como dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor.

Por isso, não cabe mais a visão simplista de que ler é decodificar os signos, cumprindo meramente a função de destinatário e não considerando os fatores extralinguísticos. “Na década de 70, momento histórico no qual se configurou a crise da leitura...” (KLEIMAN, 1998) entendeu-se que a leitura era um problema da linguagem em interação com outros processos cognitivos e o das características dessa interação ajudaria na resolução dos problemas de leitura em contexto escolar. De acordo com Kleiman, as pesquisas realizadas no período dos anos 80 contribuíram para a construção de generalizações em contexto escolar, cujo olhar se dirigia para os elementos extralinguísticos. Ler envolveria conhecimento prévio, linguístico textual, enciclopédico ao qual o leitor recorre durante o processo de leitura. Ler seria inteirar-se com o texto. Então, teve a abordagem discursiva, com a qual Kleiman conclui que: “[...] a concepção escolar de texto e leitura deva atuar como um elemento cerceador da construção de sentidos”. É nesta linha que o leitor sai da situação de um mero receptor e passa a ser interlocutor. Ele não apenas decodifica, não apenas busca sentidos já propostos no texto, como também interage com os discursos presentes nele. Isso significa, baseando-se na teoria da semiótica greimasiana⁶, que a leitura se efetiva quando o sujeito que lê realiza uma atividade de interpretação e consegue desvendar os sentidos produzidos pelo objeto lido. Quando o sujeito consegue não só explicar o que o texto disse, mas explicar como o texto fez para construir o que disse.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) reafirmam a importância da escola na formação de indivíduos competentes para a sociedade: propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira (BRASIL, 1998, p. 33).

⁶A semiótica Greimasiana baseia-se na ideia de percepção de sensações, porém, acrescentando o caráter inteligível.

Segundo os PCN's (1997), o conjunto de conteúdos da disciplina está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar. A estrutura dos eixos de aprendizagem e sua articulação entre os tipos de conteúdos das disciplinas ofertadas e dos Temas Transversais configuram uma organização para que as escolas estruturarem seus currículos com certa liberdade que permita considerar o seu contexto educacional. A história em quadrinhos poderá ser instrumento que contemple esses eixos de aprendizagem, pela facilidade que ela transmite informações de forma atrativa, divertida e facilita a memorização. A escola tem a função de formar indivíduos que contribuam para a melhoria dessa sociedade e sem deixar de atender necessidades individuais. Os PCNs reforçam dizendo, que “[...] é necessário que a escola garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva”.

Ainda segundo os PCNs (1997), os quadrinhos devem estar e estão inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais.

A HQ pode ter uma ampla utilização em sala de aula tais como: leitura por fruição, leitura imagética, abordagens linguísticas e gramaticais bem como o trabalho com os temas transversais com uma linguagem do dia a dia próximo a seu leitor. Explorando as variadas funções/uso em sala de aula, diferentes linguagens a história em quadrinhos pode proporcionar uma aprendizagem mais dinâmica e divertida.

A forma de se trabalhar a leitura nas escolas precisa ser revista a fim de que os alunos recuperem o prazer da leitura e desfrutem da sua importância na vida social dos mesmos. Visão que pode ser reforçada por Martín Barbero, em 2000, que afirma que nossas escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um meio de criatividade e de prazer, mas sim o espaço no qual a leitura e escrita se associam a tarefa obrigatória e chata.

Grande parte dos professores já está percebendo a necessidade de modificar as práticas de leitura na escola, porém, ainda trazem consigo as práticas mecanicistas e tradicionais de décadas de prática pedagógica, apenas a minoria consegue concretizar uma prática mais interativa e dinâmica. Baseado no pensamento de

Kleiman (2004), acreditamos que é possível ensinar a ler com compreensão sem impor a leitura única do professor. Nesse caso, o professor passa a ser o mediador das atividades de leitura.

Ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela prever o conteúdo; maior será a sua compreensão; é ensinar a criança a se autoavaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio [...] é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo, e que as sequências discretas nele contidas só tem valor na medida em que elas dão suporte ao significado global (KLEIMAN, 2004, p. 429).

Após discutirmos a questão da leitura na escola, a seguir, apresentaremos os modelos e concepções de leitura que perpassam as práticas de grande parte dos professores regentes nas salas de aulas.

Em se tratando do estudo da linguagem a leitura tem sido abordada por diversos pesquisadores da (Linguística Textual, Psicolinguística, Sociologia, Análise do Discurso, dentre outras áreas). Esses estudos abordam desde as práticas tradicionais de leitura, que se constituem a partir de modelos básicos de leitura em nível de cognição (ascendente e descendente) até uma abordagem de concepção de leitura em que o leitor e autor, sujeitos sociais, apresentam-se num processo dinâmico e interativo, ou seja, modelos de leitura interativa, discursiva e sociais de leitura. Vejamos então alguns desses modelos.

2.1 MODELO ASCENDENTE (*BOTTOM-UP*)

Podemos afirmar que existem três modelos básicos de leitura em nível de cognição: o modelo ascendente (*bottom-up*), defendido por Gough (1976) admite o sequenciamento dos processos envolvidos na decodificação e tem por objetivo descrever a sequência de eventos que acontecem em um segundo de leitura; o modelo descendente (*top-down*) defendido por Goodman (1976), que processa globalmente a leitura; e o modelo interativo defendido por Rumelhart (1977), o qual admite os dois subprocessos *bottom-up* e *top-down* simultaneamente e alternadamente.

No modelo ascendente (*bottom-up*), segundo Gough (1976), a leitura se faz de forma linear e indutiva, o leitor caminha pela sentença, letra por letra, palavra por palavra, até as sentenças isoladas. Os eventos que Gough (1976) focaliza são a fixação ocular e movimento sacádico, identificação da letra, mapeamento das letras

com representação fonêmica abstrata da palavra, busca da entrada lexical, e também serialmente palavra por palavra (da esquerda para direita). A linguística estruturalista tem privilegiado esse modelo “[...] fato que se justifica pela sua própria história, na qual se partiu das unidades menores para as maiores” (KATO, 1986, p. 50).

Nesse modelo, o texto é dado como ponto de partida para o processo de compreensão, como uma unidade única de sentido, sem levar em conta o contexto de produção. É muito utilizado na fase da alfabetização em que a criança está no processo de leitor iniciante, desse modo, a leitura torna-se uma atividade mecânica e presa à decodificação das palavras, fase em que o aluno ainda não faz uma interpretação ampla do texto. Segundo Kato (1986), esse tipo de leitura pode trazer consequências como: o leitor torna-se mais vagaroso, lendo sílaba por sílaba, pode demonstrar dificuldade para se lembrar do que estava escrito anteriormente e, além disso, apresenta dificuldade em sintetizar o texto.

2.2 MODELO DESCENDENTE (*TOP-DOWN*)

Divergente do modelo de processamento ascendente (*botton-up*) – cujo ponto central está no texto - o modelo de processamento descendente (*top-down*) tem como foco o leitor que usa os seus conhecimentos prévios e os recursos cognitivos.

Nesse modelo, de acordo com Goodman (1967), a leitura é um processo não linear, dinâmico na inter-relação de vários componentes para chegar ao sentido, é uma atividade essencialmente preditiva, em que o leitor precisa ativar seu conhecimento linguístico, conceitual e sua experiência. No modelo *top-down*, o processamento de leitura faz uso intensivo e dedutivo de informações não visuais, cuja direção é da macro para a microestrutura do texto e da função para a forma (KATO, 1999).

Essa concepção é postulada por Goodman (1967) e Smith (1989), que acreditam que os mecanismos que operam no processamento do texto são “um jogo de adivinhações” em que o leitor escolhe as pistas e a partir delas formula hipóteses. Nesse caso, o leitor constrói o sentido da leitura.

No processamento descendente, segundo Kato (1999), o estímulo visual aciona os esquemas que ligam a subesquemas e a outros esquemas formando uma rede inter-relações que podem ser sucessivamente ativadas. Esse processamento pode ocorrer em vários níveis: da palavra em que “[...] o leitor usa apenas algumas

pistas (letra inicial, contorno - extensão da palavra, fim da palavra)” (KATO, 1999, p. 53); no nível do sintagma, que obedece a critérios semânticos ligados a esquemas e, no nível textual, que “[...] utiliza esquemas acionados por palavras ou expressões temáticas e também esquemas que codificam estruturas retóricas” (KATO, 1999, p. 54).

A psicologia cognitivista, de acordo com Kato (1999) tem enfatizado essa abordagem em seus modelos de aprendizagem. O leitor que faz uso desse modelo apreende facilmente as ideias gerais e principais do texto, é fluente e veloz. “É, portanto, o tipo de leitor que faz mais uso de seu conhecimento prévio do que da informação efetivamente dada pelo texto” (KATO, 1999, p. 51).

2.3 MODELO INTERATIVO DE LEITURA

Diferentemente, dos modelos citados anteriormente, as propostas interativas de leitura, de acordo com Kleiman (1996), apresentam-se como uma atividade essencialmente construtiva. Esse modelo se opõe aos modelos *bottom-up* que estipula estágios a partir de processamento gráfico, e *top-down*, que estipula essencialmente, estágios a partir de hipóteses baseadas no conhecimento linguístico e enciclopédico do leitor.

A interação, portanto, não é aquela que se dá entre o leitor, determinado pelo seu contexto, e o autor, através do texto. Essa interação se refere especificamente ao interrelacionamento, não hierarquizado, de diversos níveis de conhecimento do sujeito (desde o conhecimento gráfico até o conhecimento do mundo) utilizados pelo leitor na leitura (KLEIMAN, 1996, p. 31).

Estudos revelam que leitores menos experientes conseguem entender o texto a partir de atividades interativas de leitura; “[...] é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto” (KLEIMAN, 2000, p. 24). No entanto, “[n]o modelo em discussão, a compreensão pode ser barrada tanto por limitações do texto quanto por limitações do leitor” (KLEIMAN, 1996, p. 32).

Também para Kato (1986), esses modelos trabalhados isoladamente deixam muitas lacunas quanto à questão do significado da leitura.

O leitor maduro, a nosso ver, vem adquirindo os processos cumulativamente, e o uso de cada um deles é uma função de vários fatores condicionantes, tais como a maturidade, a complexidade do texto, o gênero, seu estilo individual etc. (KATO, 1986, p. 77).

De acordo com Kleiman (2000), o modelo interativo de leitura é utilizado pelo leitor proficiente⁷, que usa de forma apropriada, os dois modelos ascendente e descendente. Para Adams e Collins (1979), os processamentos *top-down* e *bottom-up* deveriam ocorrer em todos os níveis de análise simultaneamente.

Kleiman (1996), Kato (1999) e Coracini (2002) apresentam esse modelo como uma concepção intermediária, pois o leitor, no ato da comunicação, ativa seus conhecimentos prévios, confrontando-os com dados do texto e construindo, assim, o sentido deste. Essas autoras consideram o leitor e autor dos textos como sujeitos sociais, pois a interação não advém apenas de aspectos linguísticos do texto, mas também dos aspectos sociais e culturais implícitos no mesmo. Concordamos com Kleiman (1996) e Coracini (2002) que poucas vezes se observa em sala de aula a concepção de leitura como um processo interativo. Para que ocorra esse processo é preciso que se tenha uma postura reflexiva sobre o texto, é fundamental a dialogicidade com o texto, autor, somente assim, haverá uma produção de “múltiplos sentidos”. Ler vai além de extrair significados do texto ou considerar o texto com um sentido único e correto. Ler é ter acesso aos materiais disponíveis pela cultura e, principalmente, ter condições favoráveis ao uso que se faz deles nas práticas de leitura.

Dessa maneira, acreditamos que o papel do professor é decisivo nesse processo, selecionando textos que circulem socialmente, textos que se aproximam da realidade dos alunos. Assim, na seção seguinte trataremos a abordagem de leitura como prática interativa e discursiva, nos valendo de autores que apontam a relevância do contexto sócio histórico e cultural no processo de leitura.

⁷Leitor proficiente é aquele que não só decodifica as palavras que compõem o texto escrito, mas também constrói sentidos de acordo com as condições de funcionamento do gênero em foco, mobilizando, para isso, um conjunto de saberes (sobre a língua, outros textos, o gênero textual, o assunto focalizado, o autor do texto, o suporte, os modos de leitura).

2.4 ABORDAGEM DE LEITURA COMO PRÁTICA INTERATIVA E DISCURSIVA

Na perspectiva histórico-cultural, Smolka (1995) considera que a leitura não pode ser separada do contexto de produção e do contexto social e histórico de sua realização. A leitura é vista como uma forma de linguagem, cuja dinâmica está nas interações humanas, uma leitura dialógica que também se concretiza nas relações sociais: “[...] leitura como mediação, como memória e prática social” (SMOLKA, 1995, p. 2).

Partindo dessa premissa, para Smolka (2003), há necessidade de se analisar o contexto em que acontece a alfabetização, principalmente as relações de interação e interlocução. “[...] a alfabetização implica leitura e escritura que vejo como momentos discursivos [...] o próprio processo de aquisição também vai se dando numa sucessão de momentos discursivos, de interlocução e de enunciação” (SMOLKA, 2003, p. 29). Para a autora, é “no momento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano” (SMOLKA, 2003, p. 45).

Dessa forma, a leitura como prática discursiva e interativa permite ao leitor perceber no mesmo texto diferentes leituras. De acordo com Kleiman (2000), ao ler qualquer texto, o leitor tem a função de coprodutor de sentido do texto e, para isso, utiliza de aspectos sociais, ideológicos, históricos e afetivos, ou seja, há uma relação entre leitor/mundo/ e contexto. “[...] colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados” (KLEIMAN, 2000, p. 10).

Também para Freire (1988), é importante que os alunos sejam sujeitos do aprendizado, a partir do contexto histórico e social ao qual estão inseridos, isso porque “[...] uma compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência de mundo (FREIRE, 1988, p. 11).

Aliamos o nosso discurso com Smolka (2003) quando afirma que a língua é constituída na e para interlocução no processo dialógico e discursivo e não tem sentido ensinar de forma fragmentada.

Portanto, o espaço de sala de aula, segundo a autora, representa um aspecto instaurador de conhecimento de leitura e escrita. No entanto, a escola ainda está muito

longe desse processo discursivo da alfabetização, pois muitas concepções de leitura, como já vimos, estão presas à concepção tradicional e a atividades que não ajudam a criança a pensar e expor suas ideias.

Smolka (2003) afirma que é um equívoco pretender ensinar de forma padronizada e homogênea, pois as crianças são diferentes umas das outras, no seu jeito de pensar, no saber, no modo de processar e elaborar o pensamento. Assim, é importante que se trabalhe a leitura e a escrita como prática discursiva e dialógica no processo de aprendizagem desde os anos iniciais, pois,

[D]ar a palavra à criança implica em acreditar que ela é capaz de elaborar e construir pensamento e a fala na interação com o outro. Mais do que deixá-la falar, torna-se imprescindível ouvi-la com atenção, valorizando o seu modo de dizer e perceber o mundo. Dar a palavra à criança implica dialogar com ela (SMOLKA, 1985a, p. 50).

De acordo com Vigotski (2001), a leitura apresenta-se como forma de mediação e interação, onde a aprendizagem é constituída na interação dos sujeitos cooperativos. Para o autor, o conhecimento de mundo passa pelo outro e, uma vez inserida na fase escolar, a criança terá oportunidade de se relacionar com outros grupos de pessoas, ter contato com conceitos científicos e desenvolver, cada vez mais, o processo de significado das palavras e elaboração do pensamento, já que “[...] a relação entre o pensamento e palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento” (VIGOTSKI, 2001, p. 409).

2.4.1 Percorrendo os quadrinhos

Nesta seção serão abordadas questões relevantes para o embasamento teórico das Histórias em Quadrinhos e sua relevância na sala de aula e no setor acadêmico e também o lado lúdico das HQs no processo ensino-aprendizagem.

As HQs são [...] obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresenta um convite à interação autor-leitor (REZENDE, 2009, p. 126 apud SILVÉRIO, 2012, p. 127).

Para percorrermos sobre a história da História em Quadrinhos faz-se necessário definir ainda que de maneira não muito aprofundada o que são HQs que é o nome

dado à arte de narrar histórias por meio de desenhos e textos dispostos em sequência, normalmente na horizontal. De acordo com Martins (2004),

Quadrinhos ou histórias em quadrinhos são narrativas feitas com desenhos sequenciais, em geral no sentido horizontal, e normalmente acompanhados de textos curtos, de diálogo e algumas descrições da situação, convencionalmente, apresentados no interior de figuras chamadas balões. [...] É importante salientar que a HQ faz parte das narrativas, são tecidas numa certa seqüência, para que haja entre os leitores, o entendimento da história (MARTINS, 2004, p. 2353).

Para Moya (1977), os quadrinhos, conforme o próprio nome indica, são um conjunto e uma sequência. Segundo ele, o que torna o bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido depois de visto o anterior; dessa forma a ação contínua estabelece a ligação entre as diferentes figuras. Nesse contexto, existem cortes de tempo e espaço que estão ligados a uma rede de ações lógicas e coerentes.

Micheletti (2008 apud FERREIRA, 2009, p. 5) aponta uma característica marcante nos diálogos presentes nas HQ ao afirmar que as histórias em quadrinhos são, geralmente, enredos narrados por meio de discurso direto, além de apresentarem texto escrito e elementos visuais que se complementam entre si para que a história seja compreendida por seus leitores.

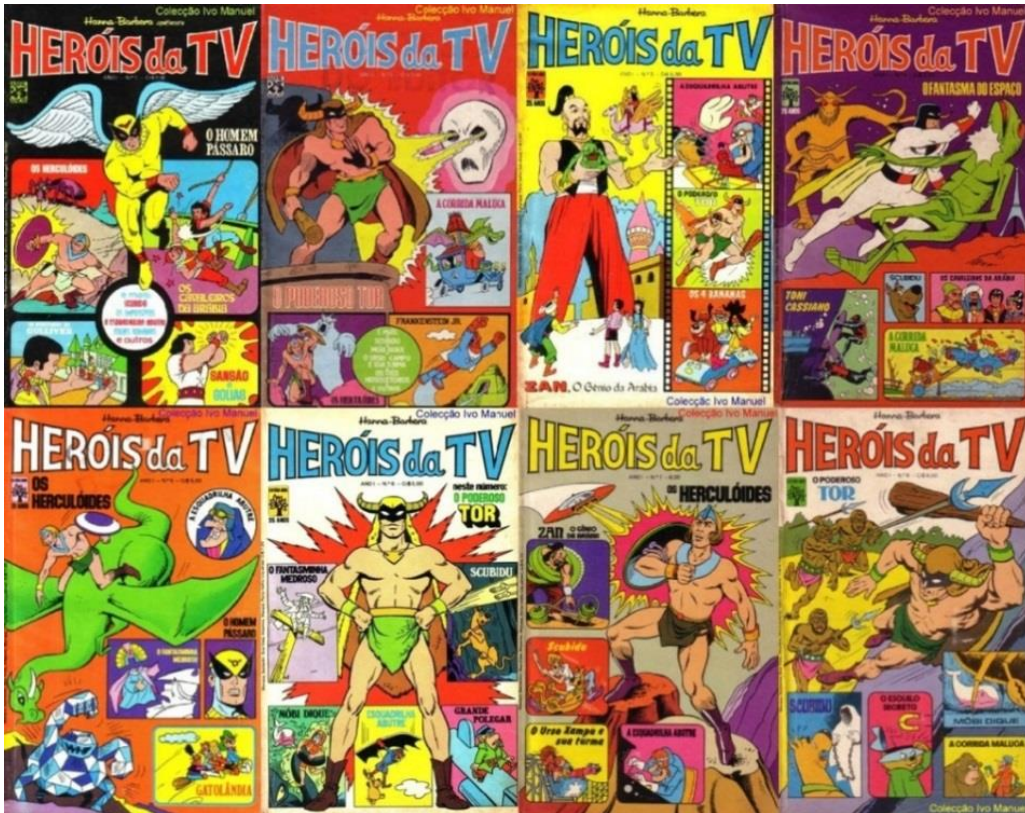
As histórias possuem os fundamentos básicos das narrativas: enredo, personagens, tempo, lugar e desfecho. No geral, apresentam linguagem verbal e não verbal e utilizam o discurso direto, em um gênero textual que agrada os educandos. Carvalho (2009) pontua a peculiaridade da narrativa das HQ, pois os autores narram nos quadrinhos mediante uma mistura ou sobreposição de imagens e palavras. Assim, para entender a história, o leitor de quadrinhos precisa utilizar suas habilidades interpretativas, tanto visuais, quanto verbais. Essa interação entre imagem e texto nos quadrinhos é vista por Quella-Guyot como algo pertinente:

Longe de ser uma simples justaposição texto-imagem, a HQ oferece imbricações sábias e originais de funções muitas vezes inesperadas. A interferência de diversos códigos faz de quase todo desenho um conjunto de sentidos que só leitores acostumados conseguem deslindar sem dificuldades, conscientes que são de que nenhuma das linguagens é subsidiária com relação à outra (1994, p. 65).

Inicialmente, as histórias em quadrinhos tiveram como o seu lugar de destaque, os jornais, pois, era visto como forma de entretenimento barato. Com a ascensão de

produções focadas em super-heróis consolidou-se na preferência dos leitores jovens ganhando popularidade.

Figura 1 - Exemplos de gibis de super-heróis



Fonte: RankBrasil, 2012. Disponível em:

<http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/067N/Primeira_Revista_Em_Quadri-nhos>. Acesso em: 6 jul. 2019.

Segundo Cirne, (1970, p. 45 apud TANINO, 2011, p. 13):

[...] os quadrinhos nasceram dentro do jornal que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, frutos da revolução industrial... e da literatura. Seu relacionamento com a televisão seria posterior que o esquema literário que os alimentavam culturalmente seria modificado, mas não destruído. Em contradição dialética, os quadrinhos (e o cinema) apressariam o fim do romance, criando uma nova arte ou um novo tipo de literatura tendo o consumo como fator determinante de sua permanência temporal.

Segundo Mendonça (2002 apud TANINO, 2011, p. 13), ao longo dos tempos as Histórias em Quadrinhos foram conquistando espaço, estabilidade e leitores fiéis. Com essas transformações alcançaram o sucesso e dessa forma, são concebidos os gibis. Estes ainda podem ser encontrados nos jornais, mas alçaram novos voos e atendem os mais diversos públicos/ leitores, revistas e além da função da leitura também estão voltadas ao lazer das crianças e também evoluíram junto com as mídias

ganhando o novo formato de desenho animado e ainda publicações de cunho informativo de empresas públicas e privadas.

Tendo como sujeito desta pesquisa, uma turma de 6º ano, descreveremos de acordo com o currículo municipal os elementos que constituem uma HQ que segundo Teixeira e Archanjo (2011) apontam como elementos secundários de suporte para complementar a linguagem das Histórias em Quadrinhos como: linha cinética, balões e onomatopeia.

Quadro 4 - Currículo municipal do 6º ano – 1º trimestre.

TRIMESTRE	CONTEÚDOS
1º	<p style="text-align: center;">EIXO LINGUAGEM</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Gêneros Textuais:</u> • Poemas (OLP); • HQ-texto verbal e não verbal <ul style="list-style-type: none"> - Características das HQs; - Linha cinética (Recurso gráfico usado em HQ para demonstrar o movimento); - Balões; - Onomatopeias; - Tiras; • Verbete de Dicionário; • Bilhete; • Carta pessoal; • Contos; <ul style="list-style-type: none"> - Características do conto; - Personagens; - Espaço; - Enredo: Introdução, complicação, clímax e desfecho;
1º	<p style="text-align: center;">EIXO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Gramáticas:</u> • Separação e classificação quanto ao número de sílabas; • Acentuação e classificação quanto à tonicidade e sílaba; • Crase, conceitos e regras gerais básicas, como: <ul style="list-style-type: none"> -Diante de palavras femininas; -Em expressões que indiquem hora; -Quando não ocorre antes de palavra masculina; • Sílabas tônicas e átonas; • Classificação de sílabas tônicas: oxítone, paroxítone e proparoxítone; • A língua; • A língua e os códigos (emissor, receptor, mensagem, código) • Ampliação vocabular; • Fonema e letra; • Dígrafo; • Encontros vocálicos (ditongo, tritongo e hiato); • Encontro Consonantal; • Ortografia de uma perspectiva discursiva textual:

	<ul style="list-style-type: none"> - mau/mal; mas/mais; - meia ou meio; - g/j; - e, i, ei; - Z/s (som de z) / z final; - Sons do x.
1º	EIXO CULTURA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> • Cultura local: obras de autores capixabas; • Consciência Negra.

2.4.2 A história em quadrinhos em sala de aula

Para Eisner (1999) a principal característica da linguagem dos quadrinhos é a arte sequencial, ou seja, o fato de que os quadrinhos devem ser compreendidos na continuidade das imagens.

Segundo o mesmo autor a função primordial dos quadrinhos é:

[...] comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. Eles não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que um resultado da tecnologia (EISNER, 1999, p. 38).

A seguir apresentaremos, em forma de tópicos, outras características das Histórias em Quadrinhos que julgamos importantes para a compreensão da pesquisa.

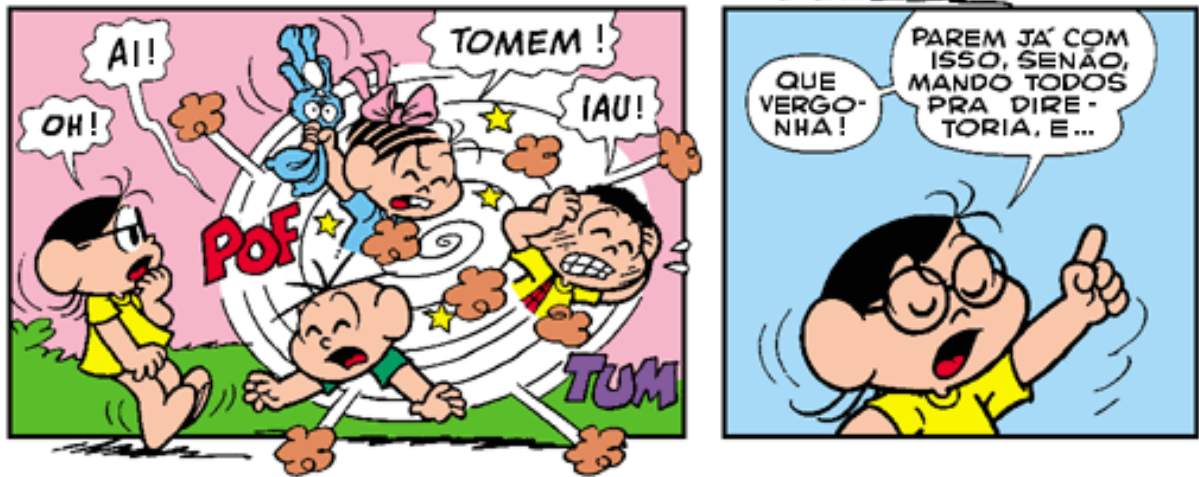
- O diálogo entre os personagens aparece através de balões, sendo que eles variam de formato.
- Os sinais de pontuação são variados, reforçando a voz dos personagens e indicando o modo como eles revelam seus sentimentos, como raiva, espanto, alegria, tristeza.
- Há também a presença das onomatopeias, causando certa animação à história, por meio de sons produzidos.
- São compostas por uma linguagem verbal e uma não verbal, fazendo uma associação entre imagens e palavras, procurando facilitar o entendimento do leitor.

Eisner (1999, p. 41) afirma que:

[...] nas histórias em quadrinhos, existem na verdade dois quadrinhos nesse sentido: a página total, que pode conter vários quadrinhos, e o quadrinho em si, dentro do qual se desenrola a ação narrativa. Eles são o dispositivo de controle da arte sequencial.

2.4.3 Linha cinética

Figura 2 - Exemplo de linha cinética das HQs



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: Portal do Professor. Disponível em: <<http://www.portaldoprofessor.mec.gov.br>>.

Acesso em: 6 jul. 2019.

São recursos que simbolizam o movimento dos personagens ou a trajetória de objetos em plena ação, tais como automóveis e outros meios de locomoção, balas que saem de pistolas, pedras atiradas por alguém, etc. (SANTOS, 2003 apud TANINO, 2011, p. 17).

Podemos observar, nos quadinhos acima, um exemplo de linha cinética no formato de espiral formado pelos movimentos dos personagens Mônica, Cebolinha e Cascão. A linha cinética, em conjunto com as onomatopeias, representa a imagem de uma confusão que é importante para a construção da história.

2.4.4 Balões

Figura 3 - Exemplo balões das HQs



Fonte: Era Uma Vez Brasil. Disponível em: <<http://www.hhteraumavezbrasil.com.br>>. Acesso em: 6 jul. 2019.

Recursos usados nos quadrinhos para representar a fala, porém eles não são apenas utilizados com essa finalidade, os balões também são usados para representar o pensamento das personagens da HQ. Assim, de acordo com Eco (1993 apud CORDEIRO, 2018, p. 27), o balão na fala significa "discurso expresso", e se for imaginação "discurso pensado".

Temos assim que: o Balão é um recurso gráfico representado por um signo de contorno, ou seja, uma linha que evolui uma situação conversacional.

Para Acevedo (1990 apud CORDEIRO, 2018, p. 28), o balão possui dois elementos básicos: o continente (corpo e rabicho/apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagens).

O continente pode ter diferentes modelos, cada um com um significado próprio, e é através da linha do contorno que ocorrerá essa variação são essas variações que ditam o significado fazendo com que o balão ganhe sentido conotativo e expressivo próprio. O corpo do balão é a linha que o contorna, já o rabicho ou apêndice é o nome dado a cauda do balão que, normalmente, aponta para a boca do personagem que está falando.

O conteúdo é a fala ou o pensamento da personagem, a fala ou pensamento pode ser representada tanto de forma escrita quanto através de imagens e/ou símbolos.

A Figura 3 é a representação dos balões mais usados nas HQs. A escolha do tipo de balão a ser empregado, no texto, dependerá do contexto da fala do personagem e do sentimento a ser expresso.

Assim, os balões têm uma função importantíssima nas Histórias em Quadrinhos.

2.4.5 Onomatopeias

As onomatopeias são recursos responsáveis pela vivacidade e dinâmica das HQs, pois representa a sonoridade, dos quadrinhos, além também ser um elemento visual, porque, diante do papel em branco, os desenhistas estão sempre à procura de novas expressões gráficas. O efeito de um —buumll ou de um —crash (CIRNE, 1970, p. 23 apud TANINO, 2011, p. 16) e sempre expressivo.

No quarto quadrinho há a presença de uma onomatopeia, o som “*Chuac*” simboliza o som do beijo que a personagem Mônica dá no amigo Cebolinha, bem como no oitavo quadrinho a palavra “*Pof*” representa a pancada que a personagem sofreu do brinquedo bumerangue. A onomatopeia imita o barulho de um som, as ações dos personagens então, percebemos que o seu uso nas HQs dá realce ao que se quer destacar na história.

Figura 4 - Exemplo de Onomatopeia



Fonte: Midiatividades. Disponível em:
<http://www.hhteraumavezbrasil.com.br>. Acesso em: 5 jul. 2019.

2.4.6 Tiras

Figura 5 - Exemplo de tira



Fonte: Mundo Educação. Disponível em: <http://www.exercicios.mundoeducacao.bol.uol.com.br>. Acesso em: 6 jul. 2019.

A tira ou tirinha é um gênero textual assim definido por Sérgio Roberto Costa: Segmento ou fragmento de HQs, geralmente com três ou quatro quadrinhos, apresenta um texto sincrético que alia o verbal e o visual no mesmo enunciado e sob a mesma enunciação.

Por ser um texto de leitura leve, dinâmica, colorida e aliar o verbal ao visual a História em Quadrinho é importante ferramenta de formação de leitores. A mescla de imagem e texto é essencial para as HQs, pois as informações presentes em cada quadro transmitem ao leitor a compreensão da mensagem. A mensagem vai além dos quadrinhos.

Dessa forma, Araújo, Costa e Costa (2008, p. 30), apresentam a ideia de que:

[...] a mensagem das histórias em quadrinhos é transmitida ao leitor por dois processos: por meio da linguagem verbal – expressa a fala, o pensamento dos personagens, a voz do narrador e o som envolvido – e por meio da linguagem visual – no qual o leitor interpretará as imagens contidas nas histórias em quadrinhos. Unindo estes dois processos, chega-se ao escopo que o enunciado verbal pretende transmitir ao leitor.

Por fim, faz-se necessário que o leitor decodifique as imagens e interprete as ideias contidas nas histórias, de forma que nesse processo de comunicação reconheça o significado e o impacto emocional das imagens (EISNER, 1999). Neste processo é importante que o leitor decodifique ambos os códigos (imagético e o verbal) vigentes no texto. A apropriação desta linguagem favorece o interesse pela leitura em sala de aula, e consolida a formação de leitores proficientes.

A Figura 5 foi utilizada como uma forma de representar as características descritas acima sobre as tiras facilitando dessa forma, a compreensão do leitor.

Ressalta-se que, a linha cinética, os balões, as onomatopeias bem como as tiras foram abordadas com destaque por já terem sido mencionados no Quadro 4, que trata do currículo municipal dos 6º anos, e serão elementos importantes para a elaboração da oficina que será proposta no capítulo 3 desta dissertação.

2.5 QUADRINHOS NA SALA DE AULA COMO RECURSO DIDÁTICO

Considerado como um meio de comunicação de massa⁸ as histórias em quadrinhos encantam gerações. Em sala de aula não é diferente por ser considerada

⁸Entende-se como comunicação de massa a disseminação de informações por meio de jornais, revistas, livros, rádio, televisão, cinema e Internet, os quais formam um sistema

pelos professores uma importante ferramenta para a prática da leitura por aliar simultaneamente, a parte escrita do texto responsável pelas informações e a parte sensorial provocada pela imagem.

Portanto, o aspecto visual é o primeiro atrativo para o convite à leitura que se torna envolvente, dinâmica e prazerosa.

Araújo, Costa e Costa (2008, p. 29) afirmam que:

[...] os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que poderiam ser bastante úteis como meio de alfabetização e leitura saudável, sem falar na presença de técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo entre outras, que são importantes nas Artes Visuais e que poderiam se relacionar perfeitamente com a educação, induzindo os alunos que não sabem ler e escrever a aprenderem a ler e escrever a partir de imagens, ou seja, estariam se alfabetizando visualmente.

Para Carvalho (2009), entre os motivos para se utilizar os quadrinhos nas aulas estão a atração dos estudantes por esse tipo de leitura, a combinação harmônica entre a escrita do texto e a imagem que acabam se tornando complementares, qualidade da informação, o auxílio no desenvolvimento do hábito de leitura e a ampliação do vocabulário.

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções (RAMA; VERGUEIRO, 2012, p. 14).

Ressalta-se, que é na sala de aula que grande parte dos alunos tem mais contato direto com a leitura devido a diversos fatores externos tais como: acessibilidade a um acervo paradidático na biblioteca, incentivo dos professores, projetos de incentivo à leitura etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reafirmam a importância da escola na formação de indivíduos competentes para a sociedade: [...] é necessário que a escola garanta um conjunto de práticas planejadas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem dos conteúdos de maneira crítica e construtiva (BRASIL, 1997, p. 33 apud TANINO, 2011, p. 22).

denominado 'mídia'. A comunicação de massa tem a característica de chegar a uma grande quantidade de receptores ao mesmo tempo, partindo de um único emissor.

As HQs podem vistas como métodos auxiliares para o desenvolvimento integral das competências e habilidades dos educandos, pois as mesmas “[...] aguçam sua curiosidade e desafiam seu senso crítico” (VERGUEIRO, 2010, p. 21). Para Lopes e Miani (2010, p. 8):

O emprego das histórias em quadrinhos nos materiais didáticos deu-se gradualmente, ainda pelo temor às críticas sofridas outrora, buscando uma apropriação adequada. Livros de diversas áreas passaram a implementar as HQ, assim como outras linguagens, com a função de auxiliar na transmissão de seus conteúdos. Os quadrinhos tornaram-se, então, um componente tanto para tornar as aulas diferenciadas, como para incitar discussões e agregar conhecimentos. Sua presença no ambiente formal de educação foi reconhecida por muitos países a partir do desenvolvimento de orientações de uso no currículo escolar.

A importância das Histórias em Quadrinhos, em sala de aula é ressaltada por Vergueiro (2010), que afirma que a sua utilização é bem ampla, ficando a cargo da criatividade e percepção de cada educador que poderá usá-la como ferramenta para que os educandos ampliem seus conhecimentos, compreendam os conceitos e enriqueçam o vocabulário, propiciando ao leitor a pensar na informação de uma forma lúdica e descontraída. O próprio autor explicita:

[...] há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura e muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico (VERGUEIRO, 2010, p. 21).

As HQs utilizadas na sala de aula proporcionam inúmeros benefícios, o emprego das imagens com textos articulados aos conteúdos estudados, permite tornar conteúdos complexos mais claros para os alunos (LUYTEN, 2011; SANTOS 2003 apud TANINO, 2011 p. 25).

A linguagem e os elementos dos quadrinhos, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino. A união do texto com a imagem facilita a compreensão dos conceitos que ficariam abstratos se relacionados unicamente com as palavras (SANTOS, 2001). A maioria das HQ caracteriza-se por apresentar o improvável, a surpresa. Sua sedução está no fato de que correspondem às necessidades e interesses naturais das crianças, incluindo os jogos e a brincadeira (FOGAÇA, 2002/2003).

Segundo Carvalho (2009), a importância das histórias em quadrinhos, extrapola seu sucesso de vendas. Por ser considerado um meio de comunicação de massa, fonte de leitura, entretenimento, arte, as HQs podem ser uma excelente ferramenta na sala de aula.

Ressalta-se que sem um objetivo pré-determinado de instrumentação da formação de leitores a inserção das HQs em sala de aula, não resultará em ganho pedagógico tornando-se meramente material de fruição, entretenimento. Para os PCN's:

[...] assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor readaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais (BRASIL, 1997, p. 70).

A inserção de histórias em quadrinhos como recurso didático de formação de leitores, na sala de aula, pode ser vista como uma ferramenta inovadora e eficiente tendo em vista, que a mesma compõe-se de uma combinação de comunicação visual e verbal. Tornando-se primordialmente, em uma metodologia eficaz para os constantes desafios de desenvolver práticas pedagógicas mais competentes, transpondo à tendência tradicional de ensino da leitura. Santos (2001) afirma que a história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor. Reproduzindo contextos e valores culturais, oferecendo oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos sobre o mundo social.

As propostas de Rama et al. (2004) para a utilização de metodologias de ensino com histórias em quadrinhos em sala de aula apresentam diversos exemplos do como unir esse material às práticas docentes planejadas tendo em vista a finalidade de ensinar conteúdos de forma atraente e motivadora.

As histórias em quadrinhos ganharam a devida importância e valor pedagógico passando a ser mais bem aceitas nas escolas a partir do momento que foram incluídas nos PCN's, com isso também ganharam espaço em livros didáticos, bem como em provas de vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Com a popularização das HQs a sala de aula também se rendeu aos seus encantos e ela deve ser vista como mecanismo facilitador do processo ensino-aprendizagem no ensino de conteúdos em todas as disciplinas. Dessa forma, não é difícil achar HQ que abordam conteúdos científicos adequados para a educação

básica. Ramos (2004, p. 65-85 apud LAVARDA, 2017, p. 21102) apresenta dinâmicas para utilizar as HQ no ensino de Língua Portuguesa, ele afirma que o ideal é o professor adaptar as atividades à sua realidade de sala sempre se aprimorando e reinventando-se. As propostas feitas pelo autor envolvem utilizar as HQs como um recurso paralelo para instigar discussões, debates, argumentações e questionamentos em sala de aula sobre o conteúdo que está sendo trabalhado, para isso o aluno deve analisar os desenhos e os diálogos presentes nas HQ.

Para Rama e Vergueiro (2012, p. 20 apud NEVES, 2012, p. 19-20), referindo-se ao uso de quadrinhos, “pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”. A HQ deve ser visto como um recurso didático que oferece uma gama de metodologia para se trabalhar em sala de aula. Torna-se necessário um trabalho crítico e consciente deste recurso didático no desígnio de desenvolver novas formas de criar uma sociedade mais democrática e justa para todas as pessoas.

Dessa forma, faz-se necessário que os professores busquem novas alternativas que venham a somar na árdua tarefa de formação de leitores e os quadrinhos, em sala de aula deve ser visto como um recurso didático que faz a diferença nessa trajetória.

2.6 HISTÓRIA EM QUADRINHOS DESPERTANDO O INTERESSE DA ACADEMIA

As histórias em quadrinhos ao longo do tempo ganharam notoriedade e outras funcionalidades com isso, rompeu os espaços de bancas de jornais, livrarias, escolas e despertou o interesse de pesquisas científicas para a produção de saberes acadêmicos como confirma Araújo, Costa e Costa (2008, p. 27):

[...] por meio de estudos realizados em âmbito acadêmico e, que envolvem esse tema, percebemos também o quanto os quadrinhos vêm sendo estudados na universidade nos dias atuais. Podemos observar que por mais que tenha algum obstáculo a essa temática, com relação a sua linguagem, diversos docentes, discentes e pesquisadores da área de Comunicação e de Educação estão desenvolvendo pesquisas em torno deste tema, contribuindo para a produção de conhecimento. [...] a sua aceitação como instrumento didático, a sua inserção no meio acadêmico só ocorreu devido à influência de pessoas respeitadas no mundo artístico como o americano Roy Lichtenstein, artista da Pop Art. 6, em meados do século passado, ter explorado a estrutura gráfica dos quadrinhos em suas obras e, de pesquisadores de renome nacional.

Alguns eventos ocorridos, em todo mundo, propiciaram o estudo das HQs em pesquisas científicas podemos citar como exemplos, na Itália o Congresso Internacional de Lucca e no Brasil a Exposição de História em Quadrinhos em São Paulo e a Exposição Internacional de HQs.

No Brasil, as HQs surgem como fonte de pesquisas acadêmicas a partir da:

[...] criação de uma disciplina sobre esse assunto em um curso de graduação em Comunicação, na Universidade de Brasília [...] e a pesquisa realizada no Centro de Pesquisas da Comunicação Social da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, na cidade de São Paulo, em ambiente universitário, com coordenação do Professor José Marques de Melo (SANTOS; VERGUEIRO, 2009, p. 9).

E o interesse pela temática é continua nas pesquisas acadêmicas. Santos e Vergueiro nos dimensionam que:

[...] a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) tem o mérito de ter dedicado um esforço sistemático e duradouro às histórias em quadrinhos, tornando-se um ponto de referência nacional para a pesquisa na área. Para isto, colaboraram a introdução de uma disciplina centrada nos aspectos editoriais das histórias em quadrinhos, no curso de Editoração dessa escola, ministrada durante vários anos pela Prof.^a Sonia Bibe Luyten, autora da proposta original, e a posterior criação, em 1990, do Núcleo de Pesquisa de Histórias em Quadrinhos, em torno do qual se reuniram os três professores que então se dedicavam ao ensino e à pesquisa de histórias em quadrinhos na ECA (Álvaro de Moya, Antônio Luiz Cagnin e Waldomiro Vergueiro), constituindo um fórum permanente de pesquisa e discussão sobre histórias em quadrinhos, que gerou diversos estudos e pesquisas (SANTOS; VERGUEIRO, 2009, p. 9).

Por não ser mais visto como algo simplório e sem importância e ganhar novas funções pedagógicas as HQs consolidam a sua importância de ser pesquisada e ganhando a cada dia novos pesquisadores interessados em transformá-la em estudos acadêmicos podemos citar a pesquisa de Lovetro (1995, p. 2 apud TANINO, 2011, p. 30) que registra:

[...] executei um trabalho para o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, que completava 120 anos de vida e precisava falar ao público jovem, explicando seu atual funcionamento, seus cursos e ainda contar sua história. Eu e uma equipe fizemos uma revista de 32 páginas com uma história de fundo que expunha todos estes itens. Foram impressas 400 mil revistas e encartadas numa edição do jornal O Estado de S. Paulo. Para a empresa/escola foi o suficiente para atingir seu público alvo, gastando menos que um comercial de TV e com maior eficiência.

Há inúmeras dissertações que tem como objeto de estudo as Histórias em Quadrinhos e formação de leitores sendo assim, selecionamos alguns estudos que

julgamos relevantes e apresentaremos agora o olhar acadêmico sobre essa estratégia do processo ensino/aprendizagem da leitura na escola.

Foram selecionadas duas Dissertações e uma Tese com a finalidade de estudo da temática pesquisada a seleção foi efetuada a partir da consonância de propostas com a linha de pesquisa dessa dissertação.

A primeira Dissertação foi “Literatura e história em quadrinhos (HQ) na Educação Básica”, de autoria de Wanderley Alves dos Santos, defendida em 2015, por meio do Programa de pós-graduação em ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, e sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Cruvinel. O presente trabalho de pesquisa tem como interesse problematizar a formação de leitores literários na escola, mediante uma proposta de aproximação entre duas linguagens de diferentes campos: as letras e as artes na forma de arte sequencial, mais conhecida como história em quadrinhos (HQ). Tendo como objetivo por meio de um projeto de leitura, afirmar a possibilidade de mobilizar o jovem leitor escolar para a leitura de um romance clássico da literatura brasileira, a partir da leitura HQs que recriam o referido romance.

A formação leitora na educação básica é um desafio na sociedade contemporânea, marcada pelas práticas digitais e pela abundância de visualidades, o que exige ampliar as possibilidades de abordagem dos gêneros discursivos, entre os quais o literário.

A literatura – assim como outras expressões de arte – é compreendida como um direito do ser humano, porque vital e transformadora (CANDIDO, 2010), e por isso mesmo precisa se constituir, efetivamente, como objeto de práticas mediadas pela escola que, para grande parte de crianças e jovens, é lugar exclusivo de acesso à leitura literária.

Assim, é dessa possibilidade de garantir que jovens escolares possam vivenciar experiências estéticas que a presente pesquisa trata, ao investigar e propor o diálogo interdisciplinar entre literatura, especialmente a considerada clássica, e artes, na forma de história em quadrinhos (HQ). O acesso às diversas linguagens artísticas em diálogo com a cultura visual deve ser uma preocupação da escola (BARBOSA, 2010). Imersa num amplo universo da cultura visual a que estão expostos os sujeitos contemporâneos, a HQ pode ser abordada na escola como possibilidade de aproximação das artes visuais, em diálogo com a literatura.

Com base em pressupostos que norteiam a ação pedagógica no ensino de artes visuais e literatura, no conceito de letramento literário (PAULINO; COSSON, 2009), e na concepção de semiose (SANTAELLA, 2012), esta pesquisa traz um projeto de leitura envolvendo o romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, e duas versões da mesma obra na linguagem da HQ, desenvolvido com estudantes de ensino médio. A aplicação do projeto, concretizado na forma de sequência didática, indica a confirmação da hipótese de que a associação entre as disciplinas literatura e artes visuais pode provocar nos jovens alunos maior interesse pela leitura literária, além de promover a vivência da apreciação artística, contribuindo, conseqüentemente, para a efetiva experiência estética no meio escolar e para a formação leitora.

Soares (2000) observa, também, que o letramento é um direito humano independente das condições sociais dos indivíduos. Neste viés, nota-se que no meio escolar menos favorecido a comunidade tem acesso a uma educação fragilizada por contextos estruturais e físicos das escolas e por uma didática conteudística que foge ao interesse do grupo social atendido pela escola e pelo corpo docente. Marcos Bagno, por sua vez, se refere a uma educação sociolinguística a partir do letramento, observando a necessidade de:

Trabalhar para a inserção plena dos alunos e das alunas na cultura letrada, por meio das práticas ininterruptas da escrita e da leitura, isto é, práticas de letramento – promover o conhecimento ativo das convenções dos muitos gêneros textuais que circulam na sociedade, sobretudo dos gêneros escritos mais monitorados; promover a formação do (a) leitor(a) literário(a) autônomo(a) (BAGNO, 2013, p. 176).

Com Bagno se compreende a importância de ações práticas que visem à formação leitora no meio social. Essa prática ininterrupta tem a ver com um gosto pela leitura e pela própria escrita, que deve ser desenvolvida no sujeito pensante por meio de práticas sistemáticas e prazerosas de produção escrita e leitura.

Ao concluir sua pesquisa Santos falou sobre a sociedade contemporânea, que é marcada pela pluralidade de linguagens e pelo forte apelo dos novos meios e suportes, sendo necessário que a escola contemple diversas frentes para a formação de crianças e jovens na Educação Básica. E apontou que nesse rico e novo universo da comunicação contemporânea, há diversas e atraentes linguagens.

Santos afirmou que como toda pesquisa que investiga objeto tão vivo quanto a formação humana na dimensão do ensino-aprendizagem no âmbito da educação básica, esta naturalmente inspira desdobramentos.

Dessa forma, estratégias de ensino-aprendizagem para formação de leitores permanece como fonte de novas pesquisas.

A dissertação “Histórias em quadrinhos e ensino de literatura: por um projeto de formação de leitores menos “quadrado””, a segunda a ser escolhida foi defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2013, por Vinicius da Silva Rodrigues, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul orientado pelo professor doutor Antônio Marcos Vieira Sanseverino.

A proposta deste trabalho é compreender a possibilidade de abertura do ensino de Literatura em âmbito escolar para outras linguagens artísticas, em especial as histórias em quadrinhos e as narrativas gráficas. Com isso, o pesquisador pretende discutir o processo de formação de leitores na escola, no Ensino Fundamental. O mestrando discutiu também, ao longo da sua dissertação, diferentes aspectos, que apontam para o específico processo de leitura das narrativas gráficas e do texto imagético e o que isto pode acarretar em termos de formação ao educando.

Rodrigues inicia sua dissertação afirmando que pensar as histórias em quadrinhos (HQs) no âmbito escolar, hoje, ainda significa reconhecer a função subversiva que a Escola deve ter, seja por meio do simples diálogo entre linguagens distintas, seja como justificativa para motivar a leitura imagética, aspecto que se articula com uma fruição estética especial que não costuma ser incentivada com a mesma ênfase que a literatura. A proposta central da dissertação consiste em observar o que é trazido como recurso para que se discutam as ideias de texto e leitura em sala de aula. O ponto de vista do trabalho, portanto, é pautado por uma perspectiva propositiva e dialógica, a partir da qual é possível enxergar a arte sequencial e a arte literária lado a lado, tanto para que se estimule uma postura investigativa no educando capaz de dar conta das múltiplas possibilidades de interpretação, especialmente, a partir do conceito de intertextualidade, quanto para que se note o caráter subversivo de uma linguagem em relação à outra especialmente, das HQs em relação ao texto literário. Assim, procura-se dar à prática da leitura e à formação de leitores seu verdadeiro e merecido protagonismo, da mesma maneira que as HQs entram como possibilidade de “profanação do currículo” sem negá-lo, porém ampliando noções e construindo, assim, um projeto de leitura que, sem abandonar a necessidade vital de interagir com o texto literário, tornando-o menos “quadrado”.

Segundo Manguel:

Os métodos pelos quais aprendemos a ler não só encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização a canalização da informação, as hierarquias de conhecimento e poder, como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso (MANGUEL, 1997, p. 85).

O pesquisador justifica que as histórias em quadrinhos entram como escolha deste trabalho devido ao seu caráter intrinsecamente híbrido: linguagem dotada de imagem e palavra, os quadrinhos têm um status próprio, mas também relacional, se tomada por base toda a herança pregressa da tradição do grafismo, da iconografia e das técnicas das artes plásticas, bem como do que foi construído pela arte literária em tantos séculos de existência. Com isso, a narrativa construída graficamente pelas HQs impõe uma competência de leitura que se articula com o texto visual e, ao mesmo tempo, com a sensibilidade poética que também se forma na leitura do texto literário. É uma relação que se dá não necessariamente de maneira “formativa”, como “ponte” de um para outro, mas também, entre um e outro, entre idas e vindas, entre leituras e releituras, entre, principalmente, não só ler a literatura a partir das HQs, mas também ler HQs a partir da própria literatura estabelecer níveis de leitura para os mesmos e não apenas formar repertório. Da mesma forma, o componente textual das narrativas gráficas, na medida em que compreende a palavra, aponta especialmente como sendo uma necessidade para o aprendizado da leitura da imagem, que adquire, com os quadrinhos, uma complexidade singular para além da acepção “baixa” que se dá na relação entre histórias em quadrinhos e cultura de massa. Para Laonte Klawa e Haron Cohen (1977):

[...] é necessário que a história em quadrinhos seja entendida como um produto típico da cultura de massas, ou especificamente da cultura jornalística. A necessidade de participação e envolvimento catártico motivada pela alienação do indivíduo, a metamorfose da informação em mercadoria, o avanço da ciência, a nova consciência da realidade, enfim, as coordenadas características do estabelecimento da sociedade de consumo criaram as condições para o aparecimento e sucesso do jornal, cinema e história em quadrinhos (KLAWA e COHEN, 1977, p. 109-110).

A escolha da História em Quadrinhos, como objeto de pesquisa, é explicada pelo fato do uso das HQs ser um objeto artístico híbrido, que no seu entre-lugar torna-se especialmente produtivo.

Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos,

isoladamente, teria dificuldades para atingir (BARBOSA; VERGUEIRO, 2004, p. 22 apud SOUZA, SOARES, 2012, p. 13).

O mestrando, ao longo da sua pesquisa, enfatizou que no âmbito pedagógico, em tempos atuais como as HQs são percebidas no papel formativo do leitor.

Sabemos que as histórias em quadrinhos (HQ) têm atraído a atenção do leitor e, por isso, tem sido ponto de partida para a formação de muitos leitores. [...] é um material de leitura bastante circulado socialmente, sobretudo, pelas crianças e adolescentes (MARTINS, 2004, p. 2349).

A importância da leitura imagética, das HQs também foi abordada nesta dissertação. As histórias em quadrinhos conseguiriam apontar para uma dimensão dialógica ainda mais complexa em termos de linguagem, portanto, do que apenas a imagem autônoma ou, ainda, a narrativa construída somente por imagens (sem texto). Esta última, contudo, é uma das possibilidades exercidas na arte sequencial e não deve ser descartada, pois as habilidades percebidas pela sua leitura estão no cerne da abordagem intertextual. Sobre isso, Celia Belmiro aponta que:

Muitos autores trabalham com o conceito genérico de ilustração, porém envolvendo estruturas e construções textuais diferenciadas; sabe-se que as narrativas imagéticas estimulam, no leitor, o desenvolvimento de certas habilidades para processamento de texto próprias da narrativa ficcional, bem como de processos cognitivos pertinentes à linguagem visual (BELMIRO, 2004, p. 152).

Ao concluir seu estudo Rodrigues aponta que é necessário romper com os paradigmas do texto e fazer com que os educandos leitores compreendam que texto e leitura são conceitos bem mais amplos do que parecem e que ler, nesta prática, remete, basicamente, a interpretar.

Se a articulação com outras artes surge como ponto de partida, as histórias em quadrinhos fornecem uma leitura híbrida capaz de interagir com essas demandas, relacionando texto imagético com narrativa e palavra escrita. A iconografia e a imagem, nos quadrinhos e como leitura, acabam exercendo um poder duplamente interessante: desprendem o leitor na busca de referências, ao mesmo tempo em que são capazes de evocar outros sentidos poéticos em relação aos elementos. Exercer essa prática de leitura estimulá-la, enfim significa, justamente, subverter o caráter passivo da leitura do texto visual, e tornar o leitor apto a querer absorver tal texto de maneira integrada com o mundo, a fim de querer interpretá-lo. A narrativa em quadrinhos, por sua vez, subverte, funde e redefine o lugar das formas tradicionais, inclusive as expectativas dos próprios quadrinhos. Logo, ler a literatura nas HQs não

está em questão, pois não se trata somente de ler a palavra escrita, mas assim como exige a literatura, perceber que as narrativas gráficas ocupam-se, frequentemente, de não ditos e de possibilidades de leitura poética; ainda nesse ínterim, pode se tratar, também, de reler o literário a partir dos recursos de fragmentação e subversão formal que existem nas HQs.

Formar leitores, nesse processo, significa, também, instrumentalizá-los: para ler quaisquer objetos artísticos e fazer parte das práticas culturais mais diversas, partindo do princípio de que o leitor não se forma somente no momento da alfabetização.

Tendo essas noções em vista, a sala de aula pode se converter num novo universo: um universo no qual podem coexistir metáforas de todo tipo, olhares poéticos e subjetivos para objetos ficcionais variados; um espaço no qual seja possível usar do imaginário de mais do que uma forma artística para que se articulem novas formas de ler o mundo; um lugar onde variados tipos de leitura possam existir concomitantemente, que demonstre solidariedade na coexistência de palavra, imagem, palavras-imagem, prosa, verso, balões e recordatórios.

E por fim a tese intitulada “Estratégias para a compreensão leitora: um estudo no 6º ano do ensino fundamental”, defendida por Chris Royes Schardosim, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2015, tendo como orientador a professora doutora Cristiane Lazzarotto Volcão.

A tese é apresentada pela autora como uma estratégia para a compreensão leitora com estudantes de 6º ano do ensino fundamental. O propósito do estudo foi realizar uma pesquisa experimental com um grupo de estudantes do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual no município de Ibirama, Santa Catarina, para investigar se o ensino de estratégias de leitura causa alguma modificação na competência em compreensão.

Durante a realização da pesquisa, a doutoranda buscou por informações para realizar um diagnóstico da compreensão em leitura através do delineamento do perfil leitor de um grupo amostral constituído de 30 estudantes, divididos igualmente em grupo controle e experimental, aplicando três mecanismos de geração de dados: um questionário de perfil leitor, um questionário de estratégias de leitura e um teste de compreensão.

O estudo se justifica pelos baixos índices de competência em leitura entre estudantes do ensino fundamental, revelados por outras pesquisas e por avaliações nacionais e internacionais. Consideramos essencial pensar o ensino de leitura destes jovens, ensinando a base da formação cidadã: ler e escrever. Dessa forma, podemos contribuir para a prevenção do analfabetismo funcional (SCLIAR-CABRAL, 1985).

Além disso, o estudo buscou não apenas diagnosticar a competência em leitura destes estudantes e sim incitar uma abordagem estratégica em relação ao texto para contribuir com a melhoria da competência na compreensão em leitura deste grupo.

Dessa forma, a pesquisa é justificada por tentar mostrar um caminho – e não somente apontar o problema – para levar o estudante de ensino fundamental a tentar preencher uma lacuna existente na sua formação.

Portanto, a pesquisa está centrada nas estratégias para a compreensão em leitura, isto é, no desenvolvimento de práticas pedagógicas (TOMITCH, 2008) que contribuam para a melhoria no processo de compreensão – através de uma atitude estratégica – dos estudantes de 6º ano do ensino fundamental.

Ler, para Morais (1996, p. 109), envolve a “capacidade de identificar cada palavra como forma ortográfica que tem uma significação e atribuir-lhe uma pronúncia.”. Portanto, é necessário,

[...] reconhecer os traços que constituem as letras; [...] conhecer a relação que os grafemas estabelecem com os fonemas correspondentes; compreender a produção de sentidos a partir da triangulação entre grafema, fonema e situação de ocorrência (SOUZA; SOARES, 2012, p. 53).

Contudo, a pesquisa partiu do pressuposto de que as atitudes realizadas pelo leitor – as estratégias – são deliberadas, até porque um dos objetivos da tese é ensinar estratégias de leitura e verificar se isso interfere no desempenho. Como explica Poersch (1998, p. 10):

Os processos metacognitivos dizem respeito aos aspectos conscientes; ao mesmo tempo em que desempenha uma atividade cognitiva, o indivíduo lança mão (de forma voluntária) de algumas estratégias de ação e de reflexão que ele considera ideais para atingir o propósito utilizado. Nesse sentido, diríamos que o indivíduo estaria monitorando seu próprio comportamento, e as estratégias por ele utilizadas são, portanto, metacognitivas. A metacognição consiste em debruçar-se sobre a cognição, saber como se conhece, refletir sobre os processos envolvidos nas atividades cognitivas.

Após o diagnóstico, a pesquisadora elaborou uma oficina de leitura, com 10 encontros, realizada com o grupo experimental, com instrução explícita e sistemática

de estratégias de leitura, com o objetivo de investigar se o ensino de estratégias de leitura causa alguma modificação na competência em compreensão.

Schardosim, ao final da oficina realizou um pós-teste junto ao grupo controle e ao grupo experimental, semelhante ao realizado no diagnóstico, consistindo na aplicação do mesmo questionário de estratégias de leitura e de um novo teste de compreensão, com o mesmo formato e critérios do pré-teste.

Ao final da pesquisa, a análise dos dados do pós-teste a pesquisadora conseguiu comprovar que houve modificação no uso das estratégias de leitura, aumentando a quantidade de estratégias utilizadas e a sua frequência. Porém, essa modificação no uso de estratégias não interferiu positivamente nos resultados gerais do desempenho no teste de compreensão leitora.

Assim, o desfecho desta tese é que os estudantes utilizam mais estratégias de leitura após a oficina. Por isso é necessário o ensino da leitura a partir de uma abordagem estratégica.

Essa conclusão nos anima enquanto mestrandos, pois aponta que é necessário estratégias para o trabalho de leitura, em sala de aula. E o trabalho de pesquisa da dissertação propõe a leitura imagética das HQs como estratégia para a formação de leitores.

2.7 UM OLHAR SOBRE O LÚDICO DAS HQs

Os indivíduos, do mundo inteiro e em várias épocas históricas, ocupam algumas horas com lazer, torna-se assim evidente o enorme prestígio que as atividades lúdicas possuem. Estas propiciam alegria dos participantes, espontaneidade, entusiasmo e descontração entre todos (HUIZINGA, 1993).

Segundo Huizinga (2001), o jogo na Antiguidade, além de mensurar a força física, servia para ver quem tinha mais conhecimento e sabedoria. Assim, eram introduzidos os enigmas como forma de testar, de forma lúdica, a capacidade que os indivíduos tinham de raciocinar e de resolver problemas.

Dentre as questões abordadas até o momento sobre as HQs, desde seus elementos básicos, seu importante papel na leitura imagética em sala de aula, etc salienta-se ainda, suas possibilidades educativas.

Consideramos que as HQ são atividades lúdicas. Sendo assim, faz-se essencial caracterizar o termo, para que a relação fique mais clara para os leitores.

Atividade Lúdica tem várias conotações, dependendo da situação onde é utilizada e por quem, podendo ser considerada como jogo que tem regras simplificadas, como brincadeira em espaço fechado ou aberto (HUIZINGA, 1999), ou "atividades que envolvam divertimento, alegria" (ROSAMILHA, 1979 p. 3). Pode também ser considerado como passatempo, ou seja, um lazer descompromissado com tempo ou objetivos de vitória. Passatempo de fazer por fazer, sem querer nada em troca (REZENDE; MARTINS, 1993).

Segundo Soares (2013) a atividade lúdica pode ser entendida como “uma ação divertida, relacionada aos jogos, seja qual for o contexto linguístico, com ou sem a presença de regras, sem considerar o objeto envolto nessa ação. É somente uma ação que gera um mínimo de divertimento”.

Trabalhar de forma lúdica, em sala de aula, é uma ferramenta muito importante no processo ensino- aprendizagem. Isto porque é muito importante incutir nos educandos a ideia de que aprender pode ser divertido. As iniciativas lúdicas, em sala, promovem a criatividade, e contribuem para o ganho cognitivo dos alunos. Um texto ou discurso lúdico é uma produção cultural que é capaz de divertir o leitor ou ouvinte. É essencial para chamar a atenção e para persuadir outras pessoas.

As histórias em quadrinhos devem ser consideradas como leituras lúdicas pela convergência das imagens com as informações dos textos, contribuindo para uma melhor compreensão do assunto abordado. Almeida expressa que:

[...] a educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural, psicológico, enfatizam a libertação das relações pessoais, técnicas para as relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador de sociedade (ALMEIDA, 1998, p. 31 apud PACHECO; FREITAS, 2015, p. 95-96).

Segundo Fogaça (2003 apud SOARES; SALINO; BECK, 2018, p. 17), a ação narrativa dos quadrinhos atrai, empolga e satisfaz os leitores, por propiciar o lúdico, diferente do que acontece nas leituras obrigatórias. Além disso, nelas normalmente os textos não são extensos, o que facilita a compreensão.

É relevante a inserção das HQs em sala de aula como destaca Vergueiro (2010), quando trata que a sua utilização é bem ampla, cabendo a criatividade de cada professor para tratar de assuntos complexos de uma forma lúdica e descontraída.

Segundo Rizzi e Haydt (1994), uma aula lúdica não precisa ser composta por jogos ou brinquedos. O que caracteriza a ludicidade para a sala de aula transpõe a atitude lúdica do educador e dos educandos. Assumir essa postura implica assumir a sensibilidade, envolvimento com os discentes, uma mudança intrínseca, e não apenas estrutural, conseqüentemente acarreta não apenas uma mudança cognitiva, mas, principalmente, transformação afetiva. Indo ao encontro desse pensamento, Cunha (1988) entende que ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam muito importantes. Trata-se de ir um pouco mais fundo e formar novas atitudes, daí a necessidade de que os professores estejam envolvidos com o processo de formação de seus educandos. Essa tarefa é árdua, pois, implica romper com um modelo tradicional, com um padrão já instituído e quebrar paradigmas.

Ao encontro desse conceito, Cunha (1988) entende que ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam importantes. Trata-se de ir um pouco mais fundo e é inerente a esse processo formar novas atitudes, daí a necessidade de que os professores estejam envolvidos com o processo de formação de seus educandos. Isso não é tão fácil, pois, implica romper com um modelo, com um padrão, já internalizado, romper com paradigmas transpondo com a zona de conforto⁸ do educador.

É evidente que o lúdico não deve ser trabalhado a todo momento em sala de aula, senão perderia parte de seus objetivos uma vez que as atividades precisam ser prazerosas e diferenciadas. Sendo assim, se forem sempre usadas como estratégia de aprendizagem, se tornarão tão comuns, repetitivas e tradicionais. Deve, portanto, haver bom senso quanto ao seu uso para que a ludicidade seja preservada. A atitude lúdica, para Soares (2013) envolve o esclarecimento e a consciência dos riscos e preconceitos que precisamos enfrentar e buscar romper com sua cristalização nos meios sociais em que vivemos e trabalhamos.

Segundo Silva (2004 apud CARVALHO, 2014), o lúdico não se limita apenas à diversão e entretenimento, podendo ser visto como elemento pedagógico, favorecendo aos alunos aprenderem de forma extrovertida. Esta ferramenta pedagógica facilita o processo de ensino e aprendizagem, todavia o educador precisa

⁸Zona de conforto é uma série de ações, pensamentos e comportamentos que uma pessoa está acostumada a ter e que não a causam nenhum tipo de medo, ansiedade ou risco.

gostar do que faz e saber justificar quais os objetivos que deseja alcançar e também planejar e preparar os alunos para a atividade diferenciada. Também é dever do professor avaliar se aquele jogo ou brincadeira proposta é uma atividade educativa, pois não é qualquer atividade lúdica que promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e psicológicas dos alunos e ainda se esta atividade está de acordo com o nível de escolarização dos mesmos (SILVA; SILVEIRA, 2005).

Conforme as OCN's⁹ (Orientações Curriculares Nacionais, 2006) em tempos modernos, fatores sociais e educacionais sinalizam a necessidade de abordagens teóricas e práticas curriculares diferentes das tradicionais, levando-se em consideração a era tecnológica, bem como as novas formas de produção e circulação de conhecimentos, e saberes no contexto social.

O desafio é promover o uso dos quadrinhos ludicamente, nas aulas explorando seu lado pedagógico. Para Soares (2013), a ação pedagógica precisa considerar o prazer e o divertimento como etapas do processo de ensinar e aprender para que se obtenham resultados significativos em termos de compreensão e apropriação de conceitos.

Para Piaget (1975) a aquisição do conhecimento se dá através de um processo de assimilação e acomodação em relação à interação entre o indivíduo e o meio. Ao defrontar-se com as dificuldades de adaptação com as situações deflagradas pelo meio, o indivíduo sofre um processo de reequilíbrio e assimilação de um novo esquema para lidar com a situação. Ao fazer um paralelo entre a teoria Piagetiana e processos de aprendizagem significativa, Moreira (1999), defende a transformação do material de aprendizado em algo que tenha significado para o aluno. Entendendo que o conceito de aprendizagem significativa remonta a Ausubel (1963), que defende que uma nova informação é relacionada e ancorada a conceitos e estruturas cognitivas já existentes no indivíduo. É importante perceber que ao desenvolver materiais educativos, estes devem estar contextualizados com a cultura e o cotidiano do aluno, proporcionando assim a oportunidade de interpretar o significado da leitura da sua realidade.

Uma estratégia de romper com aulas tradicionais e tornar as aulas mais interessantes é introduzindo, nas aulas, atividades lúdicas, onde o aluno aprende e se

⁹Orientações Curriculares trata-se de um referencial que articulou o conjunto dos conteúdos que devem ser trabalhados no ensino fundamental com as práticas docentes e as avaliações externas.

diverte simultaneamente. Quando o professor utiliza à aula teórica uma atividade lúdica, ele está facilitando a aprendizagem, pois está associando o ato de aprender a algo agradável. Para Soares (2013) “atividade lúdica é somente uma ação que gera um mínimo de divertimento”.

As Histórias em Quadrinhos despertam atenção devida, principalmente, à fácil leitura e compreensão; assim com a aplicação deste e de outros recursos lúdicos em sala de aula pode haver contribuição com relação um melhor entendimento de conteúdos que contenham uma série de palavras novas, aparentemente difíceis de serem compreendidas (SANTOS; FISCHER; VASCONCELOS, 2000).

Ressalta-se que, nesse caso específico, da inserção das HQs em sala como instrumento lúdico de formação de leitores foi idealizada como uma proposta com caráter investigativo, considerando o papel ativo e crítico do professor como sujeito investigador (OLIVEIRA; GONZAGA, 2012, p. 692 apud CRUZ; MESQUITA; SOARES, 2016, p. 3).

Dado o exposto, acredita-se que seja possível uma mudança na forma tradicionalista do processo ensino-aprendizagem através da inserção lúdica, nas aulas, que podem tornar-se mais motivadoras e atraentes para o educando.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Este capítulo vem apresentar a metodologia adotada para a realização desta pesquisa, objetivando, posteriormente, apresentar os resultados alcançados com relação à leitura imagética das HQs na formação de leitores.

Minayo (1997, p. 16) diz que “[...] a metodologia é como um roteiro, seguido pelo pensamento e a prática, que estabelece a partir de temas da realidade”. Assim, a metodologia “inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o potencial criativo do investigador”. Para a autora, a pesquisa compreende um “processo de trabalho em espiral que começa com um problema e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (MINAYO, 1997, p. 26).

Gil (1999, p. 42) define pesquisa como “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”, que tem por objetivo “descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Assim, o método é imprescindível à pesquisa.

A metodologia deve ser vista como o meio pelo qual os conteúdos, os pensamentos, as teorias são articulados para uma representação da realidade.

Os procedimentos adotados têm relevante importância no processo da pesquisa, por permitir que o pesquisador responda ao problema proposto e, conseqüentemente, atinja os objetivos esperados. Além de aproximar o pesquisador do objeto de estudo, esses procedimentos possibilitam traçar novos caminhos científicos, de forma que uma teoria seja reformulada, caso já exista; ou seja, construída, caso os resultados apresentem novas perspectivas para o fenômeno pesquisado (VERGARA, 2005).

Dessa forma, o procedimento metodológico é compreendido como a maneira em que se é abordado um determinado tema. Com isso, a metodologia precisa ser composta de dispositivos que sejam capazes de associar os embasamentos teóricos às problemáticas da realidade.

De acordo com Galliano (1979, p. 32),

O método científico é um instrumento utilizado pela ciência na sondagem da realidade, sendo um instrumento formado por um conjunto de procedimentos, mediante os quais os problemas científicos são formulados e as hipóteses científicas são examinadas.

Assim, a metodologia da pesquisa deve ser entendida como:

Conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação (GUSMÃO; MIRANDA, 2000, p. 92).

Para tanto, a metodologia precisa compor-se de instrumentos que sejam capazes de relacionar os embasamentos teóricos aos conflitos da realidade.

Sendo assim, este capítulo vem apresentar a metodologia adotada para a realização desta pesquisa, objetivando, posteriormente, apresentar os resultados alcançados com relação a leitura de imagens das HQs e a sua importância na formação de leitores, nas turmas de 6º anos de uma escola da rede pública municipal do sul do estado do Espírito Santo.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Tendo como foco compreender e explicar conflitos e problemas da realidade, se fazem necessários embasamentos teóricos que norteiem uma investigação, relacionada com a problemática, juntamente com o levantamento de hipóteses e coleta de dados, para que o pesquisador possa realizar a compreensão do campo científico, o que vem tornar tão desafiador e instigante em uma pesquisa (MINAYO, 1997).

Assim, as discussões apresentadas aqui são de caráter qualitativo. Na visão de Minayo (2010) e Lakatos e Marconi (2010) a abordagem de cunho qualitativo correlaciona os dados com os seus significados tendo como direcionamento a percepção do fenômeno dentro do seu contexto.

Partindo da abordagem qualitativa, entendemos que experiência com o objeto pode ser importante para a análise. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2004, p. 160),

[...] nos estudos qualitativos, o pesquisador é o principal instrumento de investigação, pois suas experiências pessoais e profissionais relacionadas ao contexto e aos sujeitos introduzem vieses na interpretação dos fenômenos observados [...].

Para Minayo (1997, p. 21-22), a pesquisa qualitativa possibilita respostas e uma abrangência diferenciada, tendo em vista que:

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito mais particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode

ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os dados obtidos na descrição qualitativa são de caráter descritivo. “Nas pesquisas descritivas, normalmente, os pesquisadores possuem um vasto conhecimento do objeto de estudo, em virtude dos resultados gerados por outras pesquisas (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002)”.

A partir da escolha de abordagem, pretende-se alcançar uma investigação mais contextualizada da realidade por meio das entrevistas semiestruturadas e da observação utilizada na coleta de dados. A pesquisa busca demonstrar a realidade investigada sobre a importância da leitura imagética nas Histórias em Quadrinhos para a compreensão do texto, e conseqüentemente, para a formação de leitores, utilizando fundamentos teóricos e metodológicos. Com o intuito de validar o percurso metodológico e objetivando alcançar as metas e as questões propostas para esse estudo, optou-se por realizar uma pesquisa-ação, em que a pesquisadora atuou como mediadora e facilitadora da compreensão leitora das oficinas aplicadas, nas salas de aula dos 6º anos.

3.1.1 Pesquisa-ação

A pesquisa-ação é um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa ativa a nível de busca de informação. Como estratégia, a pesquisa-ação pode ser entendida como um modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de ordem prática e que esteja de acordo com as exigências da ação e da participação dos atores envolvidos no problema. Em seu desenvolvimento, os pesquisadores recorrem a métodos e técnicas de grupo para lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação, técnicas de registro, processamento, exposição de resultados, assim como, eventualmente, questionários e técnicas de entrevista individual como meio de informação complementar (THIOLLENT, 2005). Como método, como atesta Brandão (1999), a pesquisa-ação, ao invés de se preocupar com a explicação dos fenômenos sociais após seu acontecimento, busca o caminho inverso: procura a aquisição do conhecimento durante o processo tido como de “transformação”.

A supracitada pesquisa tem características peculiares, não apenas pela sua flexibilidade, mas, também, porque “envolve a ação dos pesquisadores e dos grupos interessados, o que nos ocorre mais diversos momentos da pesquisa” (GIL, 2017, p. 137).

A pesquisa-ação está ligada a “um constante vaivém entre as fases que são determinadas pela dinâmica do relacionamento entre os pesquisadores e a situação pesquisada” (GIL, 2017, p. 137).

Dado o exposto, o autor enumera algumas etapas da pesquisa-ação que apresentaremos a seguir.

A primeira etapa a ser apresentada diz respeito a chamada etapa exploratória. Nesta etapa “determina-se o campo de investigação” (GIL, 2017, p. 138), pois o autor relata que é esta fase que reafirmamos o campo em que a pesquisa foi desenvolvida.

Tendo como campo de investigação dessa pesquisa uma instituição de ensino da rede pública de um município do sul do estado do Espírito Santo, mais especificamente nas turmas dos 6º anos do Ensino Fundamental.

O segundo passo é o momento de formulação do problema, pois conforme enfatiza Gil (2017), o problema deve ser definido com precisão.

Assim, evidencia-se a importância da pesquisa, tendo como base as experiências adquiridas nas salas dos 6º anos do Ensino Fundamental, em como minimizar as dificuldades dos educandos em compreender a relevância da leitura imagética, na construção do sentido do texto das HQs. Diante dessa situação surge o problema: “Como as HQs podem, enquanto gênero discursivo, subsidiar a formação de leitores que considerem a linguagem imagética na construção do significado do texto?”.

A terceira etapa a ser descrita é a construção de hipóteses, Gil (2017) afirma que é importante a construção de hipóteses de modo objetivo. Dessa forma, como hipótese pode-se dizer que: a HQ possibilita ao aluno conhecimentos que o ajudarão na interpretação da imagem; a leitura de textos imagéticos possibilita ao educando uma melhor compreensão dos textos de linguagem visual.

Em se tratando da quarta etapa mencionamos a seleção da amostra.

Sendo de suma relevância determinar os elementos que serão pesquisados, Gil (2017) aponta para a amostra intencional,

Uma amostra intencional, em que os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e

participantes, mostra-se mais adequada para obtenção de dados numa pesquisa-ação (GIL, 2017, p. 139).

A intencionalidade permite que a pesquisa seja mais rica em termos qualitativos.

Apresentamos como amostra intencional desta pesquisa os educandos dos 6º anos do Ensino Fundamental, de uma escola polo, da rede pública de um município do sul do estado do Espírito Santo.

Para a quinta etapa nos reportaremos a coleta de dados.

Na pesquisa-ação é possível que diversificadas técnicas possam ser aplicadas, mas a que foi privilegiada para esta dissertação é a de “observação participante” (GIL, 2017), pois é uma técnica em que o pesquisador irá partilhar seus conhecimentos, na medida em que as circunstâncias o permitam.

Nessa perspectiva, o pesquisador apresenta-se como um observador participante, há uma aproximação entre os sujeitos envolvidos no processo de investigação. Para Freitas (1994, p. 29), nesse caso, “[...] o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, pois se insere nela, e a análise que faz depende de sua situação pessoal-social”. Como afirma a autora, a observação é um encontro de várias vozes, o pesquisador se depara com diferentes situações, discursos verbais, gestuais e expressivos.

São discursos que *refletem* e *refratam* a realidade da qual fazem parte, construindo uma verdadeira tessitura da vida social. O enfoque sócio histórico é que principalmente ajuda o pesquisador a ter essa dimensão da relação do singular com a totalidade, do indivíduo com o social (FREITAS, 1994, p.29).

A fim de coletar os dados, a pesquisadora irá aplicar uma oficina com Histórias em Quadrinhos nas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental da escola mencionada anteriormente e apresentará entrevistas com a diretora da escola pesquisada e com os professores de 6º anos da rede municipal e alunos dos 6º anos.

Já a sexta etapa diz respeito a análise e interpretação de dados.

Pode-se afirmar que analisar os dados na pesquisa-ação é bem complexo, todavia entende-se a necessidade de “privilegiar a discussão em torno dos dados obtidos, de onde decorrerá a interpretação dos resultados” (GIL, 2017, p. 140).

Ressalta-se que nesta referida pesquisa, foi realizado um trabalho interpretativo com base nos dados obtidos em relação as contribuições teóricas de alguns autores abordados na pesquisa.

Em se tratando da sétima etapa, discorreremos a respeito do ponto alto da

pesquisa-ação que é denominada elaboração do plano de ação.

Segundo Gil “a pesquisa-ação concretiza com o planejamento de uma ação” (GIL, 2017, p. 140), e esta ação tem como meta a busca por possíveis soluções para o problema que foi objeto da investigação. Para isso, criou-se uma oficina com duração de três dias na turma do 6º ano do Ensino Fundamental II, intitulada “Leitura imagética das HQs”. A respeito da oficina, Souza et al. (2010) esclarecem que se trata de um momento em que o educador modela uma aula de leitura imagética para os alunos em sala de aula, proporcionando o tempo necessário para ler e praticar as estratégias em pequenos grupos, em pares ou individualmente

A oficina aplicada, em sala de aula, tem como objetivo: verificar a relevância da leitura imagética por meio de oficinas como prática cultural em busca da autonomia leitora e encontra-se na íntegra no Apêndice B.

Figura 6 - Capa da Oficina



Fonte: Dados primários.

Quadro 5 - Cronograma da oficina “Leitura imagética das HQs”.

DIA	ATIVIDADES	RECURSOS NECESSÁRIOS
1º Dia	<ul style="list-style-type: none"> - 1º Momento: Conversa informal sobre as Histórias em Quadrinhos com acionamento dos conhecimentos prévios e de mundo do educando; - 2º Momento: Pesquisa, no laboratório de informática, sobre História em Quadrinhos; - 3º Momento: Aula expositiva sobre as características das HQs; - 4º Momento: Discussão sobre a aula. 	Computadores; Livro Didático; Xerox; Histórias em Quadrinhos;
2º Dia	<ul style="list-style-type: none"> - 1º Momento: Vídeos de HQs, no quadro digital http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/; - 2º Momento: Discussão sobre as histórias assistidas; - 3º Momento: Visita à biblioteca da escola; - 4º Momento: Leitura individual e coletiva de Histórias em Quadrinhos em sala de aula. 	Quadro digital; História em Quadrinhos; Xerox;
3º Dia	<ul style="list-style-type: none"> - 1º Momento: Leitura de HQ (trabalho com tiras) que privilegiem a linguagem imagética; - 2º Momento: Discussão com levantamento de hipóteses; - 3º Momento: Inferências com acionamento de conhecimentos prévios e de mundo do educando; - 4º Momento: Apresentação da análise feita. Prioriza-se um momento para que o aluno possa apresentar a sua análise. É importante para o aluno a discussão em torno da leitura, pensando se ele concorda ou não com o que leu na imagem e pensar no porque concorda ou não, apresentando argumentos para defender sua postura crítica diante da imagem lida. Neste momento, o professor precisa perceber se o aluno consegue comprovar a leitura que fez por meio dos elementos presentes na imagem; - 5º Momento: Avaliação por meio do interesse e participação dos alunos nas atividades propostas. 	História em Quadrinhos (tiras) Xerox;

Fonte: Dados primários.

A contribuição desta oficina pode ser entendida como uma estratégia para oportunizar ao educando autonomia leitora por meio da leitura imagética das Histórias em Quadrinhos.

O procedimento utilizado para a execução da mesma foi a leitura de Histórias em Quadrinhos da “Turma da Mônica”, com estratégias de leitura de acionamento de conhecimentos prévios e de mundo e levantamento de hipóteses para a leitura das imagens do texto.

A supracitada oficina teve uma duração de três dias tendo como avaliação da mesma a observação, execução das atividades propostas, discussões com os educandos sobre a importância da oficina e interpretação dos dados obtidos após a ação executada.

Após alcançar o objetivo geral proposto que é compreender como as Histórias em Quadrinhos são capazes de oportunizar ao educando a leitura imagética do texto, propõe-se elaborar um colóquio sobre a importância da leitura imagética na formação de leitores, direcionado aos professores de Língua Portuguesa, oportunizando a discussão sobre a temática, contendo módulos com atividades presenciais e não presenciais.

E por fim, a apresentamos a oitava e última etapa relacionada a pesquisa-ação que é considerada a divulgação dos resultados.

Os resultados obtidos serão tratados conforme sugestão de Gil (2017) sob a forma de “elaboração de um relatório” que será apresentado e discutido no próximo capítulo relacionado à análise dos dados e apresentação dos resultados.

3.2 O LOCAL DA PESQUISA

A Educação Municipal de Presidente Kennedy localizado no sul do Estado do Espírito Santo está estruturada em rede e não em sistema educacional. Estas compõem-se por 18 (dezoito) escolas de Ensino Fundamental.

Para representar o espaço físico desta pesquisa, dentre as 3 (três) escolas polos que o município possui, foi selecionada uma unidade, localizada na zona rural, que atende a um público de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, atuando nos turnos matutino, vespertino e noturno. A preferência por essa escola polo se deu pelo fato da pesquisadora ser professora regente dessa instituição de ensino.

Ressalta-se que nessa escola são desenvolvidos diversos projetos que atendem alunos e comunidade, em parceria com as Secretarias de Saúde, Meio Ambiente, Ação Social e Educação. São projetos “Saúde Bucal”, “Família na Escola”,

“Plantio de Mudanças Nativas” entre outros.

Dessa forma, fica evidente que a escola busca realizar um trabalho pedagógico que contribui para o desenvolvimento integral do aluno buscando valorizar e respeitar as competências e habilidades do educando contribuindo para o desenvolvimento integral do educando.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A referida pesquisa teve como público-alvo, dois sextos anos, do Ensino Fundamental II, que é composto por 22 alunos em cada turma, com faixa etária entre 11 e 12 anos, sendo que em cada turma há 2 (dois) alunos PNE (portadores necessidades especiais) acompanhados por cuidadora e, nesse sentido, a equipe pedagógica, juntamente com os professores regentes, buscam desenvolver atividades diferenciadas e diversificadas, como forma de incluí-los nas aulas. Os alunos participantes desta pesquisa encontram-se regularmente matriculados em uma instituição de ensino da rede pública de um município localizado no sul do estado do Espírito Santo, uma escola situada na zona rural do município.

As turmas foram escolhidas levando-se em consideração os aspectos atitudinais das turmas que compreendem: assiduidade: frequentam regularmente as aulas; participação: participam e contribuem para o desenvolvimento das atividades propostas e relacionamento: estabelecem uma relação de respeito e cordialidade entre os alunos e entre alunos e professores.

Com relação ao instrumento de coleta de dados ressalta-se que para definição da coleta de dados da pesquisa, a escolha precisa ser pautada em qual ou quais técnicas podem fornecer o máximo possível de dados e informações que sejam relevantes para a pesquisa. Portanto, para a concretização deste projeto foi utilizado a entrevista.

Na entrevista, tendo em vista que, pesquisador e pesquisado estão face a face, há a possibilidade de esclarecimento de muitas questões, bem como a observação de expressões, no decorrer das respostas de diferentes assuntos. A entrevista é um procedimento que contribui significativamente na condução de estudos.

Para Flick (2004), as entrevistas com roteiros semiestruturados em comparação com as entrevistas padronizadas ou com os questionários facilitam o processo de obtenção de informações, a partir do ponto de vista dos entrevistados.

Em função de sua flexibilidade, permitem ao pesquisador incluir e excluir determinadas questões ou ainda efetuar alterações na ordem das questões, em virtude das respostas obtidas.

Considerando a importância da entrevista na pesquisa, Gil (2008, p. 109), conceitua que “a entrevista é, portanto, uma forma de interação social”. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Dessa forma, segundo o autor, com a entrevista é possível coletar uma quantidade maior e mais significativa de informações. Por meio da entrevista pretende-se, assim aprofundar a análise, de como a escola tem trabalhado a leitura e como ela tem contribuído para aprendizagem do leitor que lê além das entrelinhas do texto.

Sobre esse aspecto, Gil (2008, p. 121) acredita que:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Dessa forma, foram elaborados um roteiro de entrevistas com sete (7) questões abertas ao diretor ou coordenadores pedagógicos da escola pesquisada que se encontra no Apêndice C; outro roteiro de entrevista com quinze (9) questões semiestruturadas para os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II da rede municipal de um município no interior do Espírito Santo, que está localizado no Apêndice D.

Tendo em vista que, o Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação pressupõe uma ação que infira na realidade profissional pesquisada, a partir da análise e da interpretação dos resultados, com a intenção de alcançar o terceiro objetivo da pesquisa: desenvolver uma proposta de um colóquio para os professores sobre a importância da leitura imagética das HQs na formação de leitores, que possa ser utilizado pela SEME do Espírito Santo, em particular da rede municipal de Presidente Kennedy que será apresentada no Apêndice A.

4 ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo estão expostas a análise dos dados e a interpretação dos resultados obtidos por meio de uma abordagem qualitativa, descrevendo de forma subjetiva as informações coletadas. Ainda que possam ser vistas como duas etapas distintas, a análise e a interpretação dos dados, elas se correlacionam, possibilitando ao pesquisador uma melhor compreensão da realidade.

Neste contexto, Gil (2008, p. 175) afirma que:

Após a coleta de dados, a fase seguinte da pesquisa é a de análise e interpretação. Estes dois processos, apesar de conceitualmente distintos, aparecem sempre estreitamente relacionados. A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Percebe-se que, segundo a afirmação do autor supracitado, estes processos são importantes para a compreensão das variantes que surgem ao longo da pesquisa, fornecendo ao pesquisador os subsídios que determinam as considerações para uma possível resposta que demanda o problema.

4.1 PERCEPÇÕES DA OFICINA

Com o objetivo de compreender como as Histórias em Quadrinhos são capazes de oportunizar ao educando a leitura imagética do texto proposta no objetivo geral desta dissertação, foi criada a oficina “Leitura imagética das HQs”. Acredita-se ser relevante identificar quais as estratégias usadas pelos alunos e quais habilidades eles possuem na leitura desses textos. As estratégias estão sendo aqui consideradas, como “ferramentas cognitivas que o leitor utiliza para compreender”.

Dessa forma, as estratégias aplicadas de visualização da história, de acionamento de conhecimentos prévios e de mundo e de inferências permitiram aos alunos a vivência de autonomia leitora proposta no segundo objetivo específico que é de verificar a relevância da leitura imagética por meio de oficinas como prática cultural em busca da autonomia leitora. Por meio desta oficina, os educandos tiveram a oportunidade de acionar os seus conhecimentos prévios e fazer inferências, pois ela favoreceu que os mesmos buscassem várias informações que são geradas a partir

daquilo que já sabiam (KLEIMAN, 2004).

A oficina, descrita no capítulo 3, foi conduzida por etapas com auxílio de formulário específico (Quadro 11, Apêndice B). Para guiar a leitura, algumas das perguntas da oficina foram mantidas na discussão do texto.

4.1.1 Estratégia de Visualização da História

Nesta estratégia foi apresentada uma tira da história que é um segmento da HQ muito utilizado nos livros didáticos. A seguir apresentaremos a tira trabalhada.

Figura 7 - Tira sobre a poluição dos rios, trabalhada com os alunos



Fonte: Dados primários.

Esse texto foi selecionado por apresentar uma linguagem sincrética aliando as palavras e as imagens no mesmo enunciado e ainda por utilizar as informações presentes na imagem para construir o sentido do todo do texto. A escolha da tira teve por objetivo de responder o primeiro objetivo específico: descrever a utilização de imagens como elemento significativo para a compreensão das Histórias em Quadrinhos, na formação de leitores. Nesse momento, foi solicitado aos alunos que contassem a história a partir do que estavam vendo. A resposta comum foi que o “Cebolinha saiu para pescar, mas o rio estava poluído e ele só pescou lixo”, demonstrando uma capacidade de síntese do texto a partir da imagem.

4.1.2 Estratégias de compreensão para antes da leitura

Nessa estratégia, antes da entrega do texto, a Professora fez perguntas sobre HQ's em geral, aos alunos (Quadro 6).

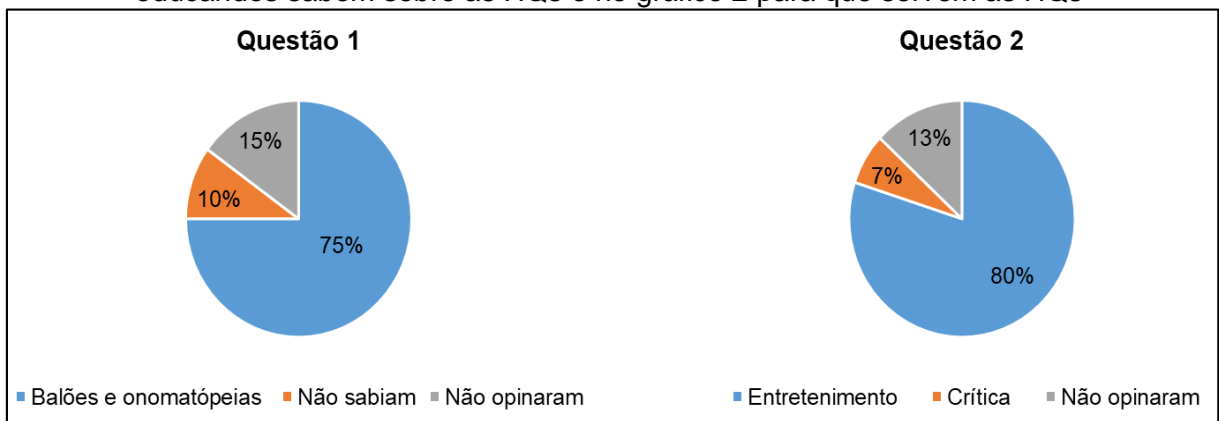
Quadro 6 - Respostas dos alunos sobre a compreensão das HQ's antes da leitura.

Nº	Professor	Alunos
1	Vamos ler HQ's. O que vocês sabem sobre elas?	“É uma história contada por meio de quadrinhos onde os personagens falam através de balões. Em algumas histórias tem onomatopeias.”
2	Para que as HQ's servem?	“Servem para ler, chamar atenção para alguma coisa.”
3	Onde costumamos ver e ler esses textos?	“Gibis, jornais e livros didáticos.”
4	Qual costuma ser a linguagem desses textos?	“Linguagem verbal e não-verbal.”

Fonte: Dados primários.

Na aplicação de estratégias de compreensão para antes da leitura, observou-se ao perguntar sobre a questão 1 (Quadro 6), que 75% dos alunos responderam como características desse gênero textual os balões e as onomatopeias (Figura 8), fato relatado no capítulo 2, 10% não souberam responder e 15% não opinaram. Na questão 2 (Quadro 6), 80% dos alunos responderam que as HQ's servem para o entretenimento, 7% relataram que nas HQ's pode ter uma crítica a algo e 13% não responderam.

Figura 8 - Proporção das respostas dos alunos (total de 44) no gráfico 1 sobre o que os educandos sabem sobre as HQs e no gráfico 2 para que servem as HQs



Fonte: Dados primários.

4.1.3 Estratégias de compreensão durante a leitura

Para acionar os conhecimentos prévios e de mundo, mediante a oficina foi trabalhada a seguinte estratégia (Quadro 7) na leitura dos alunos.

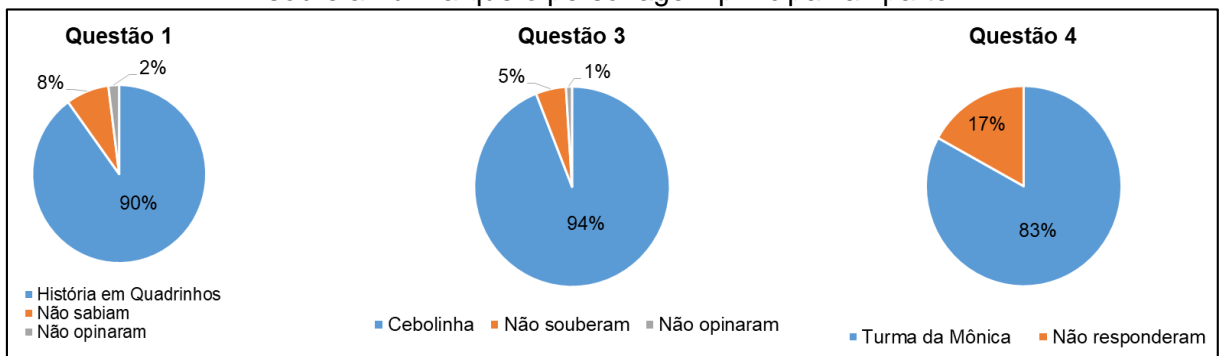
Quadro 7 - Respostas dos alunos sobre a compreensão do texto da HQ.

Nº	Professor	Alunos
1	Qual o gênero textual do texto lido?	“História em Quadrinhos.”
2	Quais características (pistas) fizeram você saber o gênero do texto lido?	“Formato em Quadrinhos, ter balões.”
3	Quem é o personagem principal do texto?	“Cebolinha.”
4	Você conhece esse personagem? Ele faz parte de qual turma? Que outros personagens dessa turma você conhece?	“Sim. Turma da Mônica. Mônica, Magali e Cascão.”
5	Por que o Cebolinha só pegava tranqueiras?	“Porque o rio estava poluído.”
6	Por que os peixes dizem que o lixeiro chegou?	“Porque ele pescava o lixo do rio.”
7	Transforme o balão do 3º quadrinho em uma onomatopeia escrevendo o som que ele representa.	“Resposta pessoal do aluno, mas a mais encontrada foi “FI FIFI!”

Fonte: Dados primários.

Na aplicação das estratégias de compreensão durante a leitura ao ler a questão 1 (Quadro 7), 90% dos alunos disseram se tratar de uma história em quadrinhos (Figura 9), 8% responderam que “não sabiam” e apenas, 2% não responderam. Em relação à questão 3 (Quadro 7), 94% dos discentes afirmaram se tratar do Cebolinha, 5% não souberam e 1% não opinaram (Figura 9). Na questão 4 (Quadro 7), 83% disseram que o Cebolinha faz parte da “Turma da Mônica” e 17% não responderam (Figura 9). Analisando as questões 3 e 4 foi possível verificar a popularidade dos personagens da turma da Mônica em quase a totalidade dos alunos. Isto, considerando o contexto da leitura imagética, demonstra que o uso de personagem das HQ’s mais populares, poderá atrair e fixar a atenção dos alunos, contribuindo para desenvolvimento do seu conhecimento e educação.

Figura 9 - Proporção das respostas dos alunos (total de 44) no gráfico 1 sobre o gênero textual, no gráfico 2 a respeito do conhecimento do personagem principal e no gráfico 3 sobre a Turma que o personagem principal faz parte



Fonte: Dados primários.

O momento de maior descontração da oficina foi durante a questão 7 (Quadro 2), que para representar a onomatopeia alguns alunos expressaram em voz alta o som que eles escreveram.

4.1.4 Estratégia de leitura de imagem

Para avaliar a prática da leitura imagética, aplicou-se na oficina a seguinte estratégia (Quadro 8).

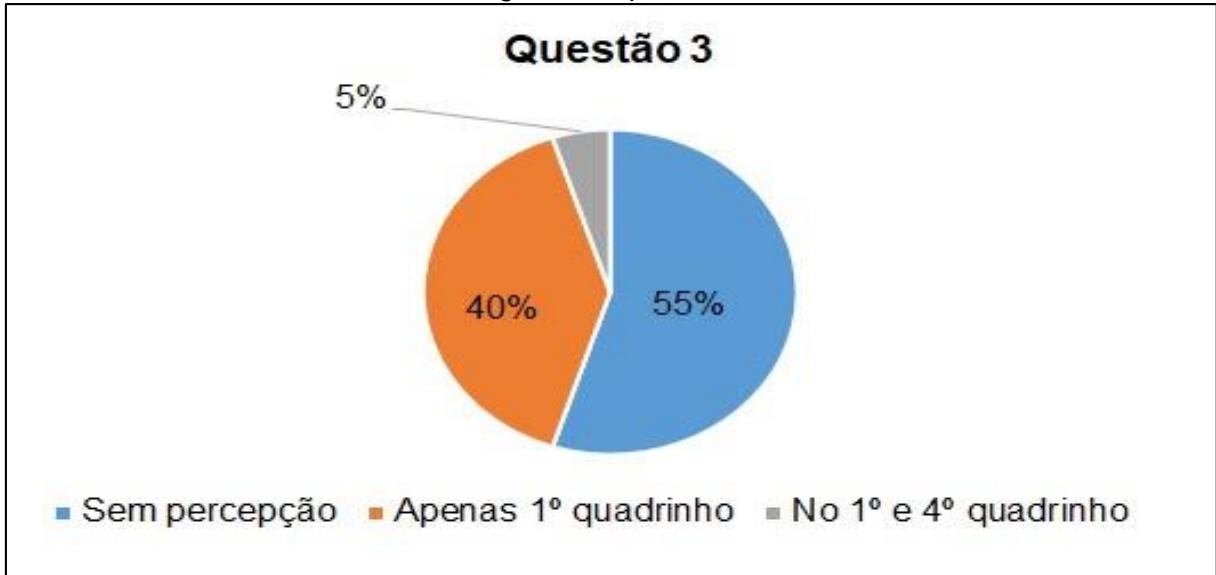
Quadro 8 - Respostas dos alunos sobre a leitura das imagens da HQ.

Nº	Professor	Alunos
1	Qual a imagem mostra que o Cebolinha só pegava tranqueiras? O que te ajudou a chegar a essa conclusão?	“A 1ª imagem. Ele pescou a bota e atrás dele tinha mais lixo.”
2	Qual quadrinho representa que os peixes acham que o Cebolinha é o lixeiro? O que fez você chegar a essa conclusão?	“O 4º quadrinho. Os peixes estavam colocando o lixo no anzol.”
3	Quais imagens representam à crítica da poluição dos rios?	“A imagem, do 1º quadrinho do Cebolinha puxando a vara de pescar.”

Fonte: Dados primários.

Nesta estratégia, os alunos apresentaram dificuldades em responder as questões 1 e 2 (Quadro 8), por ter que incluir as imagens a interpretação do todo do texto. Nesta conjuntura, 92% dos alunos precisaram da mediação da professora que leu a pergunta e os quadrinhos pausadamente e pediu que prestassem atenção nas imagens do texto para responder às perguntas e apenas, 8% fizeram a interpretação individual e responderam às questões. Na questão 3, 40% dos discentes avaliados conseguiram identificar a crítica da poluição dos rios por meio da imagem do 1º quadrinho (Figura 10), mas deixando de perceber esse recurso no 4º quadrinho; apenas 5% conseguiram perceber em ambos os quadrinhos e 55% não perceberam em nenhum quadrinho. Mesmo nas aulas, incentivando aos alunos para observarem com atenção às imagens fazendo a leitura delas e comentando sobre a existência da ironia entre o que as palavras dizem e as imagens mostram os educandos ainda apresentam uma certa objeção na inserção da leitura de imagens na prática da leitura. Esses dados confirmam a dificuldade dos alunos em fazer a leitura imagética dos textos, o que vem a tornar sua compreensão uma tarefa difícil.

Figura 10 - Resposta da percepção dos alunos quanto a poluição dos rios representadas na imagem dos quadrinhos



Fonte: Dados primários.

4.1.5 Estratégia de compreensão após a leitura

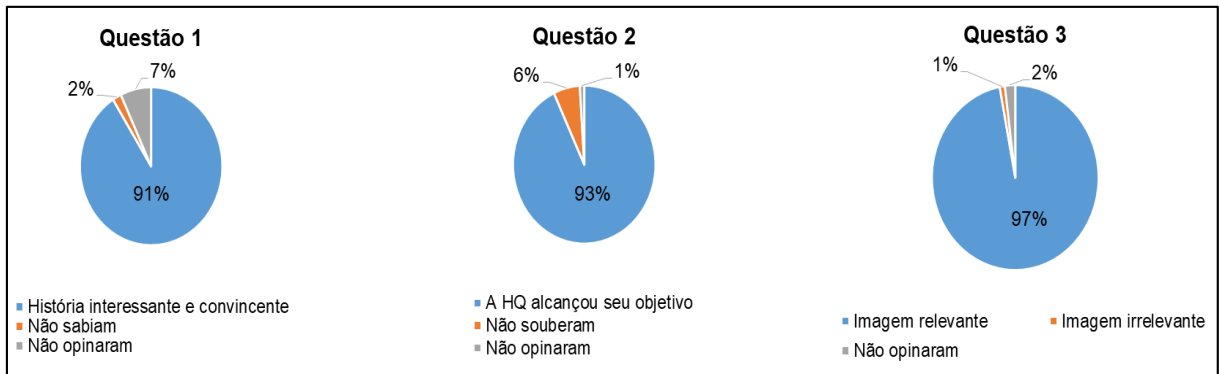
Na estratégia de compreensão após a leitura (Quadro 9) ao responder a primeira questão, 91% dos alunos responderam que a história é interessante e que ela convenceu o leitor sobre o tema que pretendia abordar (Figura 11), 2% afirmaram não saber e 7% não opinaram. Na segunda questão, 93% disseram que a HQ alcançou seu objetivo de promover uma reflexão sobre a poluição dos rios; 6% disseram não saber sobre o alcance da HQ na reflexão de seu tema; e 1% não responderam. Em resposta a questão 3, 97% dos alunos disseram ser a imagem relevante para a compreensão do texto, apenas, 1% afirmou que ela não é, e 2% não responderam.

Quadro 9 - Respostas dos alunos sobre a compreensão do texto da HQ.

Nº	Professor	Alunos
1	A história é interessante? Vocês acham que ela convenceu o leitor sobre o que pretendia? Justifique sua resposta.	“Sim, porque nos fez refletir sobre a poluição dos rios.”
2	Alcançou seu objetivo de promover a reflexão sobre a poluição dos rios? Justifique sua resposta.	“Sim, porque gerou discussão durante a aula.”
3	A imagem foi relevante para compreensão do texto? Argumente sua opinião.	“Sim, porque a imagem não é só uma ilustração ela ajuda a contar a história.”

Fonte: Dados primários.

Figura 11 - O gráfico 1 respostas sobre a relevância da história e o convencimento do leitor sobre a mensagem do texto, no gráfico 2 alcance do objetivo de promover a reflexão sobre a poluição dos rios e no gráfico 3 a relevância das imagens na compreensão da mensagem do texto.



Fonte: Dados primários.

4.1.6 Análise da oficina

A oficina foi efetiva ao considerar os propósitos da sua aplicação e despertou o interesse e participação das turmas avaliadas. Alguns alunos disseram que gostam de ler HQ's, outros foram além e afirmaram ser este o seu texto preferido. Alguns relataram que gostaram muito da aula e que não imaginavam a importância da observação da imagem para compreender o “não dito” do texto. Outros pediram para fazer mais vezes a leitura utilizando essa metodologia.

Constatou-se, ainda, que o conhecimento e definição dos objetivos contribuiu para o bom andamento da oficina, bem como, as estratégias de leitura contribuíram para auxiliar os educandos no entendimento do texto. O primeiro momento foi da chamada “pré-leitura” em que os educandos tiveram a oportunidade de acionar seus conhecimentos prévios e de mundo para inferir sentido a HQ lida. O segundo momento foi intitulado de “durante a leitura”, quando foram feitas indagações ao texto e as inferências realizadas por eles nesta fase os alunos puderam pensar sobre o texto, sobre o que estava sendo lido, fazendo suas intervenções e conectando-as com suas vivências e experiências. Já ao terceiro momento foi nomeado de “depois da leitura”, no qual os educandos foram convidados a realizar reflexões para formar a sua própria opinião sobre o texto. Ao final da oficina é chegado o momento da Avaliação. Os educandos são convidados a expressarem o “julgamento de valor sobre a oficina proposta” (SOUZA, 2010, p. 63). Nesse momento os alunos são convidados a exercerem a autoavaliação e exporem sua percepção da oficina. A seguir, são descritas algumas das opiniões dos alunos:

- A1. Gostei muito da oficina, entender a importância da imagem me ensinou a entender o texto.
- A2. Eu não conhecia essas estratégias e elas me ajudaram a entender o texto.
- A3. Achei que seria difícil a oficina, mas foi fácil. Aprendi muito e quero mais.
- A4. Vamos ler mais história em quadrinhos desse jeito.
- A5. Agora que aprendi vou acertar todas as interpretações de texto.

Ainda durante a oficina, os alunos relataram que pescar é uma atividade que eles praticam no final de semana em família e que os rios estão em sua maioria, poluídos, o que diminui a quantidade de peixes. Dessa forma, como o assunto da tira dos quadrinhos faz parte da realidade de muitos alunos, eles se identificaram com a leitura e houve uma interação efetiva durante o processo.

Ressalta-se que no decorrer da oficina identificou-se o modelo ascendente de leitura, no qual o texto é dado como ponto de partida para o processo de compreensão, sem considerar o contexto de produção. Isto torna a prática da leitura, uma atividade mecânica e presa à decodificação das palavras, o que leva o aluno a não fazer uma interpretação ampla do texto, considerando os seus demais recursos (KLEIMAN, 1996). Segundo Kato (1986), a leitura mecânica e presa à decodificação das palavras pode ter consequências à formação leitor, tornando-o mais vagaroso, em que, ele lê sílaba por sílaba, podendo apresentar dificuldades na lembrança do que estava escrito anteriormente e na sintetização do texto.

Diante das respostas dos alunos na oficina, foi possível constatar a necessidade de uma mediação na leitura das Histórias em Quadrinhos com o uso de estratégias de leitura, acionamento de conhecimentos prévios e inferências a cada quadrinho lido em voz alta em uma leitura compartilhada e participativa para que eles atentem para o papel da imagem nesses textos. Os educandos algumas vezes, desconsideraram a presença da imagem e sua relevância na leitura de textos imagéticos.

É notório que os alunos possuem melhor domínio na leitura de gêneros verbais que na leitura daqueles textos que usam linguagem imagética. Por isso, é preciso ensiná-los a ler os textos não verbais (no caso deste trabalho, as imagens) e a associar a informação das imagens às palavras, para uma construção mais rica do sentido do texto.

Para a mediação na leitura privilegiou-se um fragmento de uma HQ conhecida (Apêndice B). A escolha se deve ao fato de ser um texto incrético que alia o verbal e o imagético. Após a leitura mediada da tirinha, os alunos responderam a algumas

questões escritas sobre a mesma. Para responder a essas questões, os alunos consultaram e dialogaram com os colegas e o professor, assim como compartilharam suas sugestões de resposta e argumentaram.

Neste contexto a mediação deve ser percebida na visão de Vygotsky (2001), em que ela é um intermédio entre o sujeito e o social, considerando todas as intervenções e estratégias usadas (no nosso caso, pelo professor) com o objetivo de desenvolver e aprimorar os conhecimentos. É necessário entender que o papel do mediador na relação aluno-texto é o de mostrar caminhos, provocar e acionar conhecimentos, como o exemplo utilizado nas perguntas do pré-texto e pós-texto da oficina (Apêndice B). Na sala de aula, o professor que se assume como mediador na leitura vai, por exemplo, propor perguntas que ajudem os alunos a melhor usarem as imagens para a compreensão dos textos. É necessário que a escola ensine que as imagens não estão presentes nos textos apenas para ilustrá-los, e que elas estão “recheadas” de informações e intenções que precisam ser compreendidas e consideradas na construção do entendimento.

Salienta-se que algumas vezes o professor pode sentir-se despreparado para fazer a mediação no ensino da leitura de textos que apresentam linguagem imagética. Deve-se considerar que por vezes, o “mestre” não ensina porque, realmente, ele não sabe e/ou não domina as estratégias de ensino adequadas para ajudar seu aluno a ampliar suas capacidades leitoras.

Assim, é de fundamental importância que o professor também se instrumentalize, aprenda e aperfeiçoe seus conhecimentos e atente para todas as linguagens, pois é função da escola possibilitar o desenvolvimento de estratégias que levam à compreensão de diferentes linguagens textuais. Nesse cenário, percebe-se a relevância do colóquio proposto no Apêndice A como ferramenta de aprendizagem para os educadores que é o nosso terceiro objetivo específico desenvolver uma proposta de um colóquio sobre a importância da leitura imagética das HQs na formação de leitores.

Acredita-se que é por meio do trabalho sistemático do ensino de leitura imagética na sala de aula, que os alunos passam a ler textos com autonomia e criticidade que circulam socialmente, usando a imagem como elemento na compreensão desses textos.

Assim, verificou-se que os educandos estavam entusiasmados e bastantes interessados com a proposta aplicada, uma vez que foram priorizadas atividades que

estimularam a compreensão leitora. Como relata Kleiman (1998), as estratégias de leitura ajudam na motivação, no interesse e no entendimento durante a leitura.

4.2 Percepções da Entrevista

A entrevista com a diretora aconteceu na escola, onde ela atendeu a entrevistadora no dia previamente marcado e respondeu às perguntas. A entrevista com as professoras de turmas do 6º ano aconteceu nas respectivas escolas polos onde elas trabalham.

A diretora da escola avaliada está há 5 meses no exercício das atividades de liderança administrativa e pedagógica. Em sua gestão, o incentivo à leitura é feito por meio de projetos como o “Café Literário”, sendo anual a renovação das obras literárias da biblioteca destacou ainda, que no acervo da biblioteca escolar menos de 20% representam livros que utilizam a linguagem imagética reconhecendo que é um número insatisfatório para um trabalho efetivo, nas salas de aula, para o desenvolvimento e aprimoramento da leitura de imagens.

Em relação à biblioteca, a diretora defende a necessidade de mudanças na organização e no arranjo físico para tornar o espaço mais atraente e propiciar o gosto ou a busca da leitura pelos alunos, o que teria impacto positivo em sua frequência. Em relação a este último termo, o pensamento é que a frequência poderia ser aprimorada e se tornar ideal com um trabalho sistemático, envolvendo professores e pedagoga(os). O que seria um cenário ideal para a aplicação do Colóquio sobre leitura imagética proposto nesta pesquisa (Apêndice A).

Quanto à leitura imagética e as HQ's, a implementação de uma gibiteca na escola e a assinatura de publicações desse gênero textual, foi percebida pela diretora como uma inovação que despertaria o interesse dos alunos pela leitura, uma vez que as imagens são lúdicas e prazerosas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, também foram feitas entrevistas com professores que ministram a disciplina de Língua Portuguesa no 6º ano do Ensino Fundamental, com o intuito de aproximar o estudo realizado às práticas desenvolvidas em sala de aula.

Assim, elencam-se os pontos: a utilização das histórias em quadrinhos como material pedagógico na formação do leitor, o interesse dos alunos quanto ao gênero história em quadrinhos, os recursos que podem ser trabalhados em sala de aula com

o uso das HQ's, a importância da linguagem imagética para compreensão do texto, o interesse dos alunos pelas HQ's quando comparadas a outros textos, a forma como as imagens são vistas nas HQ's, a crença na ludicidade da formação de leitores, a importância das HQ'S na formação de leitores e o que o docente prioriza ao trabalhar HQ's em sala de aula.

Os professores entrevistados compreendem que as HQ's podem ser utilizadas como material pedagógico, visto que por meio deste recurso é possível favorecer o desenvolvimento da leitura e da exploração de diversos conteúdos, formando sujeitos críticos, e percebem que os discentes demonstram bastante interesse por este gênero textual. Há quem acredite que por meio das HQ's é possível trabalhar somente a interpretação da linguagem verbal e não-verbal e que apresenta um olhar mais amplo, destacando também a oportunidade de explorar além do conteúdo citado, os recursos gramaticais, literários, a formação do entretenimento e do leitor. Acreditam que a leitura imagética completa a compreensão verbal do texto e compreendem e percebem maior interesse dos alunos pelas HQ's por encontrarem nesta, entretenimento, e por apresentarem maior interesse pela leitura ao associarem o texto as imagens.

Quanto às imagens presentes no texto, compreendem elas como parte do texto responsável por seu entendimento. Para os professores, a ludicidade presente nas HQ's propicia o maior interesse dos alunos por outros tipos de leitura, expandindo suas práticas. Analisam as HQ's como importante instrumento para despertar o gosto pela leitura a partir de sua linguagem e ludicidade. Ao utilizarem o gênero em suas aulas, trabalham a leitura e interpretação, mas também entretenimento, leitura deleite, linguagem verbal e não verbal e gramática e ortografia.

Ao analisar a entrevista desenvolvida a luz dos estudos de Ramos e Vergueiro (2012) percebe-se um diálogo destes com os professores entrevistados, visto que tanto os autores quanto os docentes compreendem que por meio da leitura de imagens pode-se trabalhar conteúdos diversos e contribuir para a formação de sujeitos críticos e leitores. De acordo com o texto estudado, destaca-se que as HQ's podem ser utilizadas em disciplinas diversas.

Conforme pode-se observar a partir das entrevistas, pela sua linguagem as HQ's são mais fáceis de serem compreendidas pelos alunos, configurando uma literatura que reflete as ideias da sociedade moderna, sem mencionar que suas mensagens possuem diversas intenções como informar, seduzir, divertir, convencer,

entre outras (CIRNE, 2000). As HQ's possibilitam ao educando a apropriação de diferentes gêneros textuais, consolidando seu hábito de leitura. No geral, a sedução das histórias está no fato de que elas correspondem às necessidades e interesses naturais das crianças, incluindo os jogos e a brincadeira (FOGAÇA, 2003).

A atração dos estudantes por esse tipo de leitura a combinação de palavras e imagens-forma mais eficiente de ensino, a qualidade da informação, o enriquecimento da comunicação pelas HQ's, o auxílio no desenvolvimento do hábito de leitura e a ampliação do vocabulário estão entre as razões para se utilizar os quadrinhos na escola (CARVALHO, 2009). A ação pedagógica precisa, portanto, considerar o prazer e o divertimento que podem ser alcançados com os quadrinhos, como etapas do processo de ensinar e aprender, para obter resultados significativos em termos de compreensão e apropriação dos conceitos (SOARES, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão dialógica da pesquisa aqui proposta, sob uma óptica mais pragmática, mostrou que é possível dar um novo enfoque a leitura das Histórias em Quadrinhos, na sala de aula. Por isso, trabalhar com os quadrinhos sob a visão que aqui propomos é destacar a importância do texto imagético tendo a imagem como produtora de significados.

Ao longo da construção desta pesquisa fomos trilhando um caminho que proporcionou reflexão, como o fato de que, nas Histórias em Quadrinhos e a intersecção semiótica das variadas linguagens, sonora, visual, escrita em um panorama de assimilação e produção de sentido por parte do leitor.

Em relação a temática em estudo optou-se pela pesquisa bibliográfica, por meio de análises da literatura específica, procurando refletir aspectos da leitura, do uso dos quadrinhos como recurso didático na sala de aula e o lúdico desse gênero.

Compreendemos, mediante o que foi apresentado nesta dissertação, a importância do trabalho sistematizado dos professores de Língua Portuguesa com seus alunos, sobre uso das HQs, que podem ser favorecedores na construção da identidade da formação leitora dos alunos.

Formar leitores, nesse processo, significa, também, instrumentalizá-los: para a leitura das imagens, levando-se em consideração que o leitor não se forma somente no momento da alfabetização. Dessa forma, mostramos ao leitor, que muito mais do que humor e diversão esse tipo de texto é propício de ser lido por ser considerado textos dialógicos e polifônicos, pois ao mesmo tempo em que permitem momentos de entretenimento, contemplam também a formação de leitores proficientes capazes de lerem além do dito do texto fazendo conexões com as imagens e suas intencionalidades para a construção do sentido da mensagem.

No que tange ao uso das HQs como suporte pedagógico, não apenas ficou evidenciado que elas podem ser empregadas, nas aulas, como também, por suas características lúdicas, proporcionam interesse pela leitura junto aos alunos. Dentre muitos outros aspectos possíveis de serem trabalhados com a aplicação desse gênero textual, ficou claro que elas são uma importante ferramenta para o trabalho com a leitura imagética e que a leitura da mesma desperta o interesse tanto dos alunos que gostam de ler, quanto também dos que não gostam.

Assim, é na busca de novas metodologias de ensino de leitura de imagens, que se pode conseguir a interação texto-leitor contribuindo para a prática discursiva e interativa da leitura.

A formação leitora é um desafio na sociedade contemporânea marcada pelas práticas digitais e visualidades, por isso é imprescindível dar um novo enfoque as imagens do texto que dependendo do contexto não devem ser vistas como coadjuvantes na interpretação tendo o mero papel de ilustração perpetuando dessa forma, mecanismos tradicionais da relação texto e imagem. Destacamos a necessidade urgente de discutir essa relação, pois hoje o texto imagético é dominante no nosso cotidiano. Ao nosso ver é necessário superar as fronteiras do texto verbal incorporando de forma significativa, novas mídias e novas linguagens como os quadrinhos na sala de aula.

As sugestões pedagógicas desta pesquisa contribuem para a elaboração de estratégias de trabalho especialmente, voltados para o ensino da leitura imagética das HQs, melhoria da compreensão leitora; bem como cursos de formação de professores. Como afirmou Karnal (2014, p. 20), “[...] conhecer as estratégias a ponto de ensiná-las é contribuir para a aplicação de novos conhecimentos”.

Diante das constatações obtidas por meio das leituras das Histórias em Quadrinhos durante as aulas de Língua Portuguesa a aplicação da oficina; “Leitura Imagética das HQs” foi imprescindível, pois buscamos nas falas dos educandos à compreensão e interpretação dos dados, respeitando-se, para isso, a opinião deles acerca das questões que lhes foram apresentadas.

Observou-se que os estudantes utilizam mais estratégias de leitura após a oficina. Por isso, é necessário o ensino da leitura a partir de uma abordagem estratégica, proporcionando situações de leitura com construção de sentido. Assim, concordamos com a afirmação Saramago (1992), “somos feitos das leituras que fizemos”.

Cabe, por fim, ressaltar que não esgotamos todas as possibilidades de análise do uso das HQs como recurso didático na sala de aula. Apontamos elementos que consideramos, por ora, mais compatíveis com a maturidade dos leitores para a ano/série de alunos selecionados. Além disso, não tivemos a pretensão de ensinar a ler a imagem apenas as Histórias em Quadrinhos, mas permitir que, por meio dessas leituras, o educando passasse olhar com mais criticidade interagindo com o texto, acionando os seus conhecimentos prévios e de mundo, lendo dessa forma, com mais

autonomia outros textos imagéticos. Sendo assim, a delimitação do nosso recorte revelou temas que merecem aprofundamento em outros estudos, como por exemplo a HQ e suas contribuições na sala de aula, a HQ e a linguagem arte pop, as releituras de clássicos literários em formato de quadrinhos, a interação entre quadrinhos e as artes visuais, o aprofundamento da leitura imagética de propagandas, *outdoor*, charges ou outros textos de apelo imagético, são alguns deles elencados como sugestão para futuros trabalhos.

Defendemos a necessidade de novas práticas de planejamento sistematizado e contínuo com um contemporâneo fazer pedagógico sobre a leitura de imagem na sala de aula.

Dessa forma, acreditamos que cursos de formação construídos com diálogo constante entre os professores da rede municipal podem transformar e remodelar o processo ensino-aprendizagem e com isso, promover às mudanças significativas na formação de leitores proficientes para que os mesmos infiram e interfiram no meio social a qual estão inseridos fazendo a diferença.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTI, Alda J. Revisão da Bibliografia. In. ALVES MAZZOTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2004. p. 179-188.
- ARAÚJO, G. D. C., COSTA, M. A. D., & COSTA, E. B. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas**, 2008. p. 26-36.
- AUSUBEL, David P. *The psychology of meaningful verbal learning*. 1963.
- BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.
Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 12, n. 2, p. 191-196, 2017.
- BARBOSA, A.; CUNHA, F. P. **A abordagem triangular no ensino das artes visais e cultura visual**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BELMIRO, Celia A. Texto literário e imagens nas mediações escolares. In: PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (orgs.). **Leitura literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras Universidade Federal de Minas Gerais, 2004. p. 147-153.
- BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Homologação. Terceira e última versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias (MEC/SEB, Brasília, 2006), v. 2.
- BRASÍLIA. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Secretaria de Educação Básica, v. 1, 2006, 239 p.
- CAMILO, Thiago Moura. Práticas de Leitura em Sala de Aula: Modos de Ler. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, n. 12, p. 78-99, 2015.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CARVALHO, G. O. **O incrível poder das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Educar para crescer, 2012.
- CARVALHO, Juliana. **Trabalhando com quadrinhos em sala de aula**. CECIERJ – Educação Pública, publicado em 19/05/2009. Disponível em:

<<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0116.html>>. Acesso em 01 jul. 2019.

CARVALHO, Jacqueline L. A. S. **A importância do lúdico no ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos**. IV Encontro Nacional de Iniciação à Docência da UEPB, 2014.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 3. ed. McGraw-Hill, 2002.

CIRNE, M. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CORACINI, M. J. (org). **O jogo discursivo na sala de leitura**. Campinas: Pontes, 2002.

CORDEIRO, Verônica P. **A ilustração como tradução: avaliando 'Orgulho e Preconceito' em história em quadrinho**. 2018. 102 f. Dissertação de mestrado em estudos da tradução. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018.

CUNHA, N. **Brinquedo, desafio e descoberta**. Rio de Janeiro: FAE. 1988.

DE REZENDE, L. A. **Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça**. Eduel, 2007.

DOS SANTOS CRUZ, Thaiza M. G.; DA SILVA MESQUITA, Nyuara A.; SOARES, Márlon H. F. B. H'Química– O uso dos quadrinhos para o Ensino de Radioatividade. **Revista Temporis [ação]**, v. 16, n. 2, p. 289-307, 2016.

DUTRA, J. P. **História e história em quadrinhos**. 2002. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/quadrinhos/historia-e-historia-em-quadrinhos-parte-4>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERREIRA, Aline da S. **Imagem e texto: criação de histórias em quadrinhos em sala de aula**. Caxias do Sul, 2009.

FOGAÇA, A. G. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. **PEC**, Curitiba, v.3, n.1, p.121-131, jul. 2002-jul. 2003. Disponível em: <<http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2019.

FONSECA, Maria da C. V. **Construção da intercomunicação de saberes com o valor da multiplicidade proposto por Italo Calvino**. IX SIMPED, 2014.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. **Pedagogia do oprimido**, v. 17, 1988.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Teresa de A. O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil. In: **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. 1994.

GALLIANO, A. G. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Mosaico, 1979.
GARCIA, A.C.P. **Temas polêmicos na literatura**: o papel do professor e da escola na formação da subjetividade do leitor. TCC. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2017.

GERALDI, João W. **A presença do texto na sala de aula**. Língua (gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 13-29, 2006.
GIL, Antonio C. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª edição. Editora Atlas, v. 1384, 2017.

GOODMAN, Kenneth. Learning to read is natural. In: **Conferência sobre teoria e prática da instrução do começo da leitura**. University of Pittsburg, 1976.

_____. *Reading: a psycholinguistic guessing game*. Journal of the Reading Specialist, Ithaca, v. 6, p. 126-135, 1967.

GOUGH, Philip B. One second of reading. In: SINGER H&R.B. RUDDEL (Orgs.) *Theoretical model and processes of reading*. DELAWARE, Internacional Reading Asso, 1976.

HUIZINGA, J.; **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____, J.; **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____, J.; **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KARNAL, Adriana R. A atualidade da pesquisa sobre as estratégias de leitura no Brasil. **(Con)textos linguísticos**, v. 8, n.10, p. 3-23, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/6280/5797>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O aprendizado da leitura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLAWA, Laonte; COHEN, Haron. Os quadrinhos e a comunicação de massa. In: MOYA, Álvaro de (org.). **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 3-13.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor- aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1992.

_____. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1996.

_____. O estatuto disciplinar da Lingüística Aplicada: o traçado de um percurso rumo ao debate. In: SIGNORI, T e CAVALCANTI, M.C (orgs). **Lingüística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. **Oficina de leitura**. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LAVARDA, Tabatta C. F. da Silva. **Sugestões do uso de histórias em quadrinhos como recurso didático**. XIII Congresso Nacional de Educação, 2017.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

_____, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **A metodologia do trabalho científico**. 4. ed. Atlas, 2010.

LOPES, Mariana F.; MIANI, Rozinaldo A. O potencial educativo dos quadrinhos: análise do uso de histórias em quadrinhos em sala de aula pelas professoras da Escola Municipal Olavo Soares Barros. In: **VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2010, Londrina.

MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: A.P. Dionísio; A.R. Machado; M.A. Bezerra, (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 19-36.

MARTÍN–BARBERO, Jésus. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**. São Paulo, n. 18, p. 51-56, mai./ago. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>>. Acesso em: 20 set. 2019.

MARTINS, Silvane A. de F. Histórias em quadrinhos: Um convite para a iniciação do leitor. In: **I SIMPÓSIO CIENTÍFICO-CULTURAL**, 2004. Anais. Paranaíba: UEMS, 2004.

MINAYO, M. C. de S. **Saúde e doença como expressão cultural**. Saúde, trabalho e formação profissional. Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 1, 1997.

_____, M. C. D. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Vozes, 2010.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Universidade de Brasília: 1999.

MORIGI, Valdir Jose; LOUREIRO, Thainá Ribeiro; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Apropriações e usos das histórias em quadrinhos na literatura de Ciência da Informação. **Informação & Informação**, v. 21, n. 1, p. 59-79, 2016.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014.

MOYA, Álvaro de. Era uma vez um menino amarelo. In: _____ (Org.). **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 15-96.

NEVES, Sílvia da C. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. Tocantins, 2012.

OMETTO, Cláudia B. de C. N. **A leitura no processo de formação de professores**: um estudo de como o conceito de letramento foi lido e significado no contexto imediato da disciplina fundamentos teórico-metodológicos de Língua Portuguesa, do curso de Pedagogia. São Paulo: 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251472/1/Ometto_ClaudiaBeatrizdeCastroNascimento_D.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

PACHECO, Karine M. B.; FREITAS, Adriano V. O lúdico no processo de ensino e aprendizagem da matemática: uma proposta envolvendo histórias em quadrinhos. **BoEM**, Joinville, v. 3. n. 4, p. 94-106, jan./jul. 2015.

PATO, Paulo R. G. **História em quadrinhos**: uma abordagem bakhtiniana. Brasília, 2017.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. (Org.). **Escola e leitura**. Velha crise, Novas Alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PIAGET, J. Teoria de Piaget. In: MUSSEN. Paul H. (Org.). **Psicologia da criança**. São Paulo: EPU/ Edusp, 1975.

PIZARRO, Mariana V. **As histórias em quadrinhos como linguagem e recurso didático no ensino de ciências**. VIIEncep, 2009.

POERSCH, José M. Uma questão terminológica: consciência, metalinguagem, metacognição. In.: _____. (Org.) **Consciência, metacognição e o processo**

ensino/aprendizagem da linguagem. **Letras de hoje**. v. 33, n. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 5-12

QUELLA-GUYOT, D. **A história em quadrinhos**. São Paulo: Unimarco, 1994.

RAMA, Ângela (Org.); VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. Contexto, 2012, Cap. 1 disponível em: <<http://www.editoracontexto.com.br/como-usar-as-historias-em-quadrinhos-na-salade-aula.html>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

RAMA, Angela et al. Os quadrinhos no ensino de Geografia. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 87-104.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

REZENDE, J. A.; MARTINS, C. O. **Atividades Lúdicas Seleccionadas na terapêutica da ansiedade para portadores de necessidades especiais**. 1993. Monografia (Especialização em P. Necessidades Especiais) – UFU, Uberlândia, 1993.

REZENDE, Lucinea A. de; CRUZ, Flávia. **Leitura e formação de leitores: vivências teórico-práticas**. Londrina: Eduel, 2009.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades lúdicas na educação da criança**. São Paulo: Ática, 1994.

ROSAMILHA, N. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

RUMELHART, D. E. Toward an interactive model of reading. In: DORNIC, S. *Attention and performance VI*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1977, p. 575-603.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____. **Como ensinar leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, C. N.; FISCHER, L.; VASCONCELOS, S. M. A linguagem dos meios no processo ensino-aprendizagem. In: **Congresso brasileiro de ciências da comunicação**, 23, 2000, Manaus: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2000.

SANTOS, Roberto E. Aplicação da história em quadrinhos. **Rev. Univerciência**, v. 8, n. 22. São Paulo, 2001.

SARAMAGO, José. Entrevista. **Memória Roda Viva**. 1992. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/10/marxismo/entrevistados/jose_saramago_1992.htm>. Acesso em: 20 jun. 2019.

- SCLIAR-CABRAL, Leonor. Um exemplo de psicolinguística aplicada para minorar o insucesso escolar. **Perspectiva**, n. 1(4), p. 73-86 jan./dez. Florianópolis: 1985. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/8931/9325>>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- SILVA, F. S.; SILVEIRA, G. F. As vivências lúdicas no ensino da leitura e da escrita. Porto Alegre: **Cadernos Fapa**, n. 1, p. 49-52, 1º sem. 2005.
- SILVA, Katiucia B. da. “**O leitor**”: um elemento também narrativo. São Paulo, ano 4, n. 2, p. 31-38, jul./dez., 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/viewFile/3815/2485>>. Acesso em: 29 jul. 2019.
- SILVÉRIO, Luciana B. R. **Histórias em quadrinhos** — gênero literário e material pedagógico — Maurício de Sousa em foco. Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2012/2012_-_SILVERIO_Luciana.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- SMITH, Frank. Compreendendo a leitura. Uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- SMOLKA, Ana L. B. **A linguagem como gesto, como jogo, como palavra**: uma forma de ação no mundo. *Leitura Teoria e Prática*. n. 5, 1985.
- _____. A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre as práticas discursivas e educação formal, p.11-21. **Temas em Psicologia**, n. 2. Campinas, 1995.
- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOARES, M. H. F. B. **Jogos e atividades lúdicas para o ensino de química**. Goiânia: Kelps, 2013.
- SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 54-68.
- SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. 2000.
- SOARES, Claudete; SALINO, Sueli; BECK, Eliane M. C. A contribuição das histórias em quadrinhos para o despertar do gosto pela leitura. **ConSensu**, n. 2, p. 16-29, 2018. Disponível em: <<http://uespar.edu.br/download/a-contribuicao-das-historias-em-quadrinhos-para-o-despertar-do-gosto-pela-leitura-pdf/69>>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- SOUZA, E.C.F. **As práticas de alfabetização de duas turmas de 1º ano ensino fundamental**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo.

SOUZA, H. A. de; SOARES, A. A inserção de histórias em quadrinhos no ambiente escolar para o aprimoramento da qualidade e eficácia do ensino da língua estrangeira. **Rev. Ensiqlopédia** – FACOS/CNEC Osório. v. 9, n. 1, p. 6-15, 2012.

SOUZA, M. M. et al. **Uma busca do que realmente somos**: viagem pelo nosso interior através do livro o conto da ilha desconhecida de José Saramago. Holos, 2010. p. 206-210.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar**. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

TEIXEIRA, N. S.; ARCHANJO, R. M. **Quadrinhos na educação e filosofia**. Batatais: Linguagem Acadêmica, v. 1, n. 2, p. 45-63, jul./dez. 2011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

TOMITCH, Lêda M. B. Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura. In: _____. (Org.). **Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura**. Bauru/SP: EDUSC, 2008. p. 13-18.

TRAVA, Sandra M. **O trabalho docente de uma professora**: práticas de leitura em foco Itatiba, 2015. 179 p. Disponível em: <<https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/2826067870760206.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERGARA, Sylvia C. A utilização da construção de desenhos como técnica de coleta de dados. In: VIEIRA, Marcelo M. F.; ZOUAIN, Deborah M. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VERGUEIRO, W. et al. **Como usar história em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Orgs.). Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**. São Paulo: Contexto, 2009.

APÊNDICE A - PROJETO DE UM COLÓQUIO SOBRE “A LINGUAGEM IMAGÉTICA DA HQ EM FOCO”

Esse projeto foi construído com a finalidade de desenvolver uma proposta de um colóquio para os professores sobre a importância da leitura imagética das HQs na formação de leitores, que possa ser utilizado pela SEME do Espírito Santo, em particular da rede municipal de Presidente Kennedy com o intuito de discutir a importância da prática da leitura de imagens na sala de aula.

Em se tratando de Educação a formação e capacitação constante do educador é primordial para a melhoria da qualidade do ensino.

Nesta visão Luckesi (2005, p. 1), afirma:

Certamente que não temos, de imediato, nenhuma possibilidade de mudar as políticas públicas para a educação, assim como as condições materiais de ensino, tais como baixos salários, espaços físicos inadequados, entre outros. Essas são reivindicações que exigem ações nossas no âmbito da sociedade civil organizada, como sindicatos, partidos políticos, comunidades de base. Todavia, na nossa sala de aula, podemos colocar nossa atenção e nosso coração naquilo que praticamos, tais como no desejo de que os alunos aprendam, na criação ou recriação de atividades que possibilitem, no processo prazeroso e criativo de aprendizagem, na relação com os educandos, que, por consequência, possibilitam o desenvolvimento.

Dessa forma, fica evidente que é de suma importância espaços para discussões e compartilhamento de experiências, pois assim o professor é instigado a reflexão da sua práxis pedagógica, a mudança de posturas e a rompimento de paradigmas que trazem melhorias significativas ao processo ensino-aprendizagem.

O objetivo desse projeto é propor a estrutura do colóquio sugerindo as temáticas que serão abordadas. Para Libâneo (2000, apud MENDES, 2007, p. 1):

Como ajudar os professores a se apropriarem da produção de pesquisa sobre educação e ensino? O que significa “qualidade de ensino” numa sociedade que caibam todos? Como potencializar a competência cognitiva e profissional dos professores? [...]. Como introduzir mudanças nas práticas escolares, partindo da reflexão na ação? Que ingredientes do processo de ensino e aprendizagem (e que integram, também, as práticas de formação continuada em serviço) levam a promover uma aprendizagem que modifica o sujeito e o torna construtor de sua própria aprendizagem?

Dando sequência a construção da proposta a seguir apresentaremos, a justificativa para a elaboração do colóquio, os objetivos gerais e específicos.

Justificativa

As HQs apresentam um caráter lúdico e informativo, oportunizando o trabalho com a linguagem verbal e não verbal do texto na sala de aula, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de capacidades envolvidas na leitura de textos multimodais (que se utilizam de diferentes linguagens). Também trata-se de um gênero que tem um grande potencial de mobilização junto aos alunos, permitindo aos educandos desenvolverem, principalmente, suas capacidades de leitura intersemiótica (ler e relacionar imagem e texto), a percepção de efeitos de sentido decorrentes de escolhas feitas em vários níveis (e nas várias linguagens), as capacidades inferências, possibilitando, ainda, uma maior apropriação dos elementos da narrativa. Assim, para tratar dessa temática propomos debates realizados num colóquio formado por grupos pequenos, favorecendo a comunicação. Ao privilegiar uma quantidade menor de pessoas as ideias são bem aproveitadas para relatar as experiências e o resultado da discussão sobre o tema.

Objetivo Geral:

- Promover um espaço de formação para professores dos 6º anos do Ensino Fundamental II, para discutir conhecimentos sobre importância da leitura imagética das HQs na formação de leitores.

Objetivos específicos:

- Abordar as características das Histórias em Quadrinhos;
- Discutir a inserção da leitura de imagens em sala de aula;
- Relacionar as HQs com a prática lúdica de leitura;
- Debater sobre a importância da leitura imagética das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores.

O colóquio será realizado com momentos presenciais e não presenciais dos professores participantes. A proposta de realização das atividades será dividida em módulos, onde cada módulo, terá a princípio dois encontros presenciais com 4 horas de duração cada um e sete encontros não presenciais. No primeiro encontro propõe-

se um momento de acolhimento motivacional e no final da proposta será realizada uma exposição com trabalhos, fotos e vídeos desenvolvidos em sala de aula pelos professores participantes do colóquio e discussão dos resultados obtidos.

O colóquio está estruturado em 2 encontros presenciais com duração de 5 horas cada um perfazendo um total de 10 horas presenciais e dez encontros não-presenciais de 4 horas totalizando 40 horas não presenciais. Somando-se a carga horária presencial e não-presencial totalizam-se 50 horas de atividades para o colóquio. Sugere-se que o curso se inicie no primeiro trimestre do ano letivo para que a proposta seja, amplamente, aproveitada. O professor poderá ter 25% de ausência nos encontros presenciais para a obtenção da certificação. A certificação ficará a cargo da Instituição responsável.

No quadro abaixo, apresentaremos os módulos do colóquio.

Quadro 10 - Módulos do colóquio.

MÓDULOS	TEMÁTICA	QUANTIDADE DE ENCONTROS
I.	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas; • Palestra Motivacional; • Apresentação da temática; • Discussões sobre o tema; 	1
II.	<ul style="list-style-type: none"> • Oficinas com HQs; • Elaboração de sequência didática; 	4
III.	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação da sequência didática; 	2
IV.	<ul style="list-style-type: none"> • Montagem da gibiteca¹. 	4
V.	<ul style="list-style-type: none"> • Cofee- break; • Exposição dos Trabalhos; • Discussão dos resultados. 	1

Fonte: Dados primários.

¹Gibiteca é um espaço destinado ao armazenamento e divulgação de Histórias em Quadrinhos, que pode ser público ou não. Nas gibitecas os leitores têm acesso a uma enorme variedade de quadrinhos (terror, ficção científica, humor, aventura, etc.).

O módulo I é presencial, terá um encontro e está voltado para o início dos trabalhos com propostas de abertura do evento com a apresentação e composição da mesa e a execução do hino nacional, logo em seguida uma mensagem de boas-vindas com uma palestra motivacional. Dando prosseguimento as atividades do dia os componentes da mesa discutirão sobre Histórias em Quadrinhos e suas características e a questão da formação de leitores imagéticos. Após a explanação da mesa sobre a temática será aberta a fase de perguntas e discussões entre os participantes. Essa etapa propicia a troca de experiências e vivências entre os professores.

Já o módulo II é não presencial, será formado por três encontros e está ligado a parte prática do projeto. Após estudos e ampliação de conhecimentos propiciados pelo módulo I é chegada a hora da pesquisa e montagem de oficinas e sequência didática com o uso das HQs e a linguagem imagética na formação de leitores. Buscando novas estratégias de ensino da leitura para o letramento o educador contribui para o desenvolvimento das competências e habilidades do educando. As atividades propostas devem privilegiar a leitura intersemiótica das Histórias em Quadrinhos favorecendo a formação de leitores proficientes.

O módulo III também é não presencial, terá dois encontros e está dedicado a aplicação da sequência didática, nas salas de aulas de 6º anos, assim, o educando é visto como coautor de sua aprendizagem, pois o mesmo terá que acionar seus conhecimentos prévios e de mundo e fazer inferências para a compreensão da imagem do texto. Com a inclusão dessa metodologia a aula poderá tornar-se mais participativa, dinâmica e prazerosa tanto para o professor quanto para os alunos contribuindo dessa forma, para o que Ausubel (1963) denominou de aprendizagem significativa.

Em se tratando do módulo IV será não presencial composto por quatro encontros e reservado a montagem de uma gibiteca nas bibliotecas das escolas polos do município. Este local será reservado ao estudo e a prática da leitura imagética nas escolas, pois a implantação desse espaço vem somar em uma unidade escolar, podendo ser espaço alternativo para o desenvolvimento de leituras e atividades cognitivas e lúdicas, possibilitando o desenvolvimento do sujeito-leitor. Desta forma, constituem-se em alternativas para a interação dos alunos com o mundo da leitura, por meio de gibis, quadrinhos, charges, cartuns, que possam aproximar o sujeito leitor das leituras de imagem que permeiam o mundo pós-moderno.

O módulo V, o último deste projeto, será presencial e terá um encontro que será iniciado com um *Coffee-break* com os participantes em seguida serão socializados os resultados das oficinas por meio da exposição dos trabalhos, exibição de fotos e vídeos produzidos. Num terceiro momento será aberta uma roda de conversa sobre as experiências da aplicação da sequência didática e montagem das gibitecas.

Com esta proposta de um projeto de um colóquio sobre “A linguagem imagética da HQ em foco” espera-se que as atividades propostas possam contribuir para um novo olhar da importância de se trabalhar a leitura imagética, na sala de aula. Dessa forma, que esse colóquio possa ser um mecanismo que leve o educador à reflexão e ao impulsionamento de novas metodologias que venham tornar a prática de leitura de imagens mais dinâmica e eficaz.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor.** Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCKESI, C. C. Formalidade e criatividade na prática pedagógica. **ABC EDUCATIO**, n. 48, ago. 2006. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/21027117-Formalidade-e-criatividade-na-pratica-pedagogica.html>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

APÊNDICE B - OFICINA “LEITURA IMAGÉTICA DAS HQs”

Quadro 11 - Etapas da Oficina.

Estratégia de Visualização da História

- Contar oralmente a história a partir do que o aluno está vendo.



Estratégias de compreensão para antes da leitura

Antes de entregar o texto, o professor pergunta oralmente aos alunos e discute em sala:

- 1) Vamos ler HQs. O que vocês sabem sobre elas?
- 2) Para que as HQs servem?
- 3) Onde costumamos ver e ler esses textos?
- 4) Qual costuma ser a linguagem desses textos?

Estratégias de compreensão durante a leitura

As perguntas do texto

- Acionamento de conhecimentos prévios e de mundo:

- 1) Qual o gênero textual do texto lido?
- 2) Quais características (pistas) fizeram você saber o gênero do texto lido?
- 3) Quem é o personagem principal do texto?
- 4) Você conhece esse personagem? Ele faz parte de qual turma? Que outros personagens dessa turma você conhece?
- 5) Por que o Cebolinha só pegava tranqueiras?
- 6) Por que os peixes dizem que o lixeiro chegou?
- 7) Transforme o balão do 3º quadrinho em uma onomatopeia escrevendo o som que ele representa.

Estratégia de leitura de imagem

- 1) Qual a imagem mostra que o Cebolinha só pegava tranqueiras? O que te ajudou a chegar a essa conclusão?
- 2) Qual quadrinho representa que os peixes acham que o Cebolinha é o lixeiro? O que fez você chegar a essa conclusão?
- 3) Quais imagens representam à crítica da poluição dos rios?

Estratégia da inferência

- 1) Explique como você acha que aquelas “tranqueiras” foram parar no rio.
- 2) O que você pensa sobre a poluição dos rios?

Estratégia de compreensão após a leitura

- 1) A história é interessante? Vocês acham que ele convenceu o leitor sobre o que pretendia? Justifique sua resposta.
- 2) Alcançou o objetivo de promover a reflexão sobre a poluição dos rios? Justifique sua resposta.
- 3) A imagem foi relevante para compreensão do texto? Justifique sua resposta.

Fonte: Dados primários.

APÊNDICE C-ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM A ADMINISTRAÇÃO (DIREÇÃO) E/OU COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Este questionário faz parte da pesquisa denominada “Histórias em quadrinhos: linguagem imagética na formação de leitores”, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré. Pesquisa esta necessária para obtenção do título de mestre pela aluna Aline Rocha de Araújo Marroquim, orientada pelo professor Dr^o Joccitel Dias da Silva. Lembramos que todos os dados coletados serão sigilosos, para uso apenas da pesquisadora, não sendo divulgado em sua dissertação o nome de nenhuma instituição ou pessoa participante. Obrigada!

Formação/Titulação: _____

Tempo de profissão: _____

Período em que está frente à direção da escola ou coordenação pedagógica:

1. Quais os incentivos/ações que sua gestão faz para incentivar a prática da leitura na escola?

2. A escola compra ou recebe livros paradidáticos? Em caso afirmativo com qual frequência é feita essa renovação de títulos literários?

3. Quantos livros paradidáticos há na biblioteca da sua escola? Desses quantos trabalham a leitura imagética?

4. Você considera a biblioteca da escola um local atraente que propicie a prática de leitura? Comente.

5. Você considera ideal a frequência que os alunos pegam livros na biblioteca? Justifique.

6. Você implementaria uma Gibiteca na sua escola? Justifique sua resposta.

7. Você faria assinaturas de Histórias em Quadrinhos e outras publicações que retratem a leitura imagética? Justifique sua resposta.

APÊNDICE D- ROTEIRO PARA A ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DOS 6º ANOS

Este questionário faz parte da pesquisa denominada “Histórias em quadrinhos: linguagem imagética na formação de leitores”, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré. Pesquisa esta necessária para obtenção do título de mestre pela aluna Aline Rocha de Araújo Marroquim, orientada pelo professor Dr^o Joccitel Dias da Silva. Lembramos que todos os dados coletados serão sigilosos, para uso apenas da pesquisadora, não sendo divulgado em sua dissertação o nome de nenhuma instituição ou pessoa participante. Obrigada!

1- Você considera que as Histórias em Quadrinhos podem ser utilizadas como material pedagógico na formação de leitor?

() sim () não () não compreendo as Histórias em Quadrinhos como material pedagógico. Justifique a resposta, por favor.

2-Você percebe interesse nos alunos na leitura pelo gênero Histórias em Quadrinhos?

() pouco () bastante () indiferente () normal

3-Segundo sua prática pedagógica, quais recursos poderiam ser trabalhados em sala de aula com o uso das Histórias em Quadrinhos?

() literários () gramaticais () interpretação de linguagem verbal e não-verbal () formação do leitor () entretenimento () outros

4-Você percebe que a linguagem imagética das HQs é importante para a compreensão do texto? Justifique sua resposta.

5- Você percebe maior interesse nos alunos ao lerem Histórias em Quadrinhos em comparação a outros gêneros textuais? Explique sua resposta.

6- Você vê as imagens presentes nas HQs como:

() ilustração () parte do texto responsável por sua compreensão.

7- Você acredita que a ludicidade das Histórias em Quadrinhos pode ajudar na formação de leitores? Justifique sua resposta.

8- Em relação às HQs, como pensa sua importância no processo de formação de leitores?

9- Quando você trabalha com as Histórias em Quadrinhos em sala de aula o que procura priorizar?
